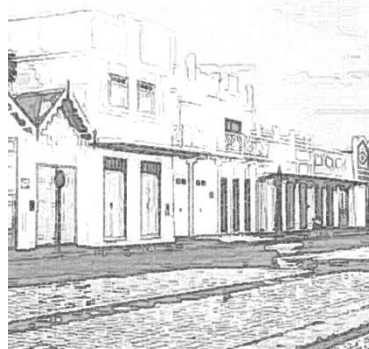




Entre
contos,
encontros,
encantos...



Apresentação

Caro professor,

O presente manual contempla um conjunto de pressupostos metodológicos e teóricos que viabiliza um trabalho integrado entre leitura, escrita e análise linguística para que as competências discursivas dos alunos sejam desenvolvidas de forma satisfatória.

Este caderno é baseado no modelo, defendido por Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly, que vem sendo utilizado nas oficinas da Olimpíada de Língua Portuguesa, um projeto que demonstra a possibilidade de boas aulas de Língua Portuguesa, mostrando que é possível sim, formar escritores no ensino básico.

Os conteúdos abordados estão de acordo com as propostas curriculares oficiais da Secretaria Estadual de Educação do estado do Acre (SEE-AC) e do Ministério da Educação (MEC), isto é, conforme a perspectiva do gênero textual para desenvolver as habilidades de ler, escrever, ouvir e falar.

O tempo das oficinas vai depender muito do andamento, o nível de seus alunos e a sua realidade escolar, por esse motivo, você melhor do que ninguém poderá definir quanto tempo gastar em cada atividade ou módulo. Desse modo, a autonomia para as devidas adequações as condições e situações de aprendizagens específicas da sua comunidade escolar é fundamental para o bom desenvolvimento da sequência didática.

Para otimizar o trabalho o uso dos aparelhos eletrônico é fundamental, porém sua ausência não inviabiliza o execução das atividades.

Agora é com vocês. Bom trabalho!

Sumário

1	<u>Primeiros combinados</u>	4
2	<u>Logando na rede</u>	7
3	<u>Primeiras palavras</u>	10
4	<u>No mundo da fantasia</u>	12
5	<u>Como se conta um conto...</u>	19
6	<u>O esqueleto do conto</u>	33
7	<u>As vozes no conto</u>	46
8	<u>Leituras que abrem portas</u>	59
9	<u>O quebra-cabeça narrativo</u>	62
10	<u>#TamoJunto</u>	66
11	<u>Mãos à obra</u>	69
12	<u>Ajustes finais</u>	74

Primeiros combinados

OBJETIVOS

- Apresentar a situação de comunicação do texto a ser produzido.
- Conhecer o plano de trabalho.

Material necessário

- Folhas de papel madeira ou cartolina;
- Pinceis marcadores e fita crepe.

Atividades

1ª Etapa

Experiências prévias

Comece a conversa com os alunos levantando alguns questionamentos:

- Quais contos você já leu ou tem alguma lembrança?
- Que autores de contos você recorda?
- Se você definisse conto em uma palavra, qual seria?
- Quais semelhanças e diferenças podemos encontrar em textos como contos, crônicas e fábulas?

Explique aos alunos que os contos literários fazem parte do repertório literário e que se tratam narrativas ficcionais curtas. Apresente o conceito de conto elaborado por Angélica Soares:

“É a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias. Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo.”

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. 7.ed. São Paulo: Princípios, 2007.

2ª Etapa

Traçando um plano de trabalho

Diga aos alunos que o texto a ser estudado será o conto e não deixe de esclarecer que as aulas acontecerão, prioritariamente, de forma que o uso dos aparelhos eletrônicos será primordial para a execução de

algumas atividades. O objetivo principal das oficinas desenvolvidas será a produção de textos com o uso de uma ferramenta *online* de forma coletiva.

Ressalte também a temática que será a base dos textos: “Meu espaço, meu território, minha vida”. A temática permite ao aluno uma reflexão sobre o seu lugar, em mundo em que as relações com o outro, com o ambiente, com o lugar e as instituições humanas são muito complexas, e assim o discente assumirá uma posição crítica em função do meio em que está inserido. De tal forma, os alunos poderiam explorar os aspectos mais amplos dessa “espacialidade”, que pode se referir ao próprio corpo, à rua, à casa, ao bairro, à cidade etc.

Elabore com os alunos um plano de trabalho, no qual constarão as principais atividades a serem executadas nas aulas posteriores. Para isso, elabore um cartaz que deverá ficar em um lugar de destaque na sala de aula. Dessa forma, todos poderão acompanhar cada etapa e verificar as atividades já realizadas. Apresentamos abaixo um exemplo de plano de trabalho, o qual poderá ser modificado conforme a necessidade ou as negociações realizadas com a turma.

- Conhecer o ambiente virtual Google Documentos.
- Produzir uma primeira versão do conto.
- Ler e analisar contos diversos.
- Identificar os recursos linguísticos e estilísticos.
- Identificar os elementos e componentes estruturais do conto.
- Produzir um texto coletivo.
- Produzir o texto em duplas.
- Revisar e aprimorar o texto.
- Publicar os textos em blogs, páginas de redes sociais ou em outros modos de veiculação.

Logando na rede

OBJETIVO

- Conhecer e acessar o aplicativo *Google Docs*.

Material necessário

- Celular, tablet ou computador;
- *Datashow*.

1ª Etapa

Procure saber quantos alunos, na turma, possuem aparelhos celulares ou *tablets*. Informe-se também sobre o número de computadores disponíveis no laboratório de informática de sua escola. Assim, você poderá optar por qual instrumento mais se adequa à realidade da sua sala de aula, garantindo que todos os alunos possam participar das atividades propostas.

Explique que o aplicativo *Google documentos* é um processador (editor) de textos assim como os conhecidos *Microsoft Word* e *BrOffice Writer*, porém o diferencial é que o primeiro é um serviço *online*, ou seja, conectado a rede mundial de computadores, a internet.

Projete no *Datashow* a plataforma que dá acesso ao *Google Docs* para que os alunos possam visualizar os aspectos estruturais e funcionais dessa ferramenta.

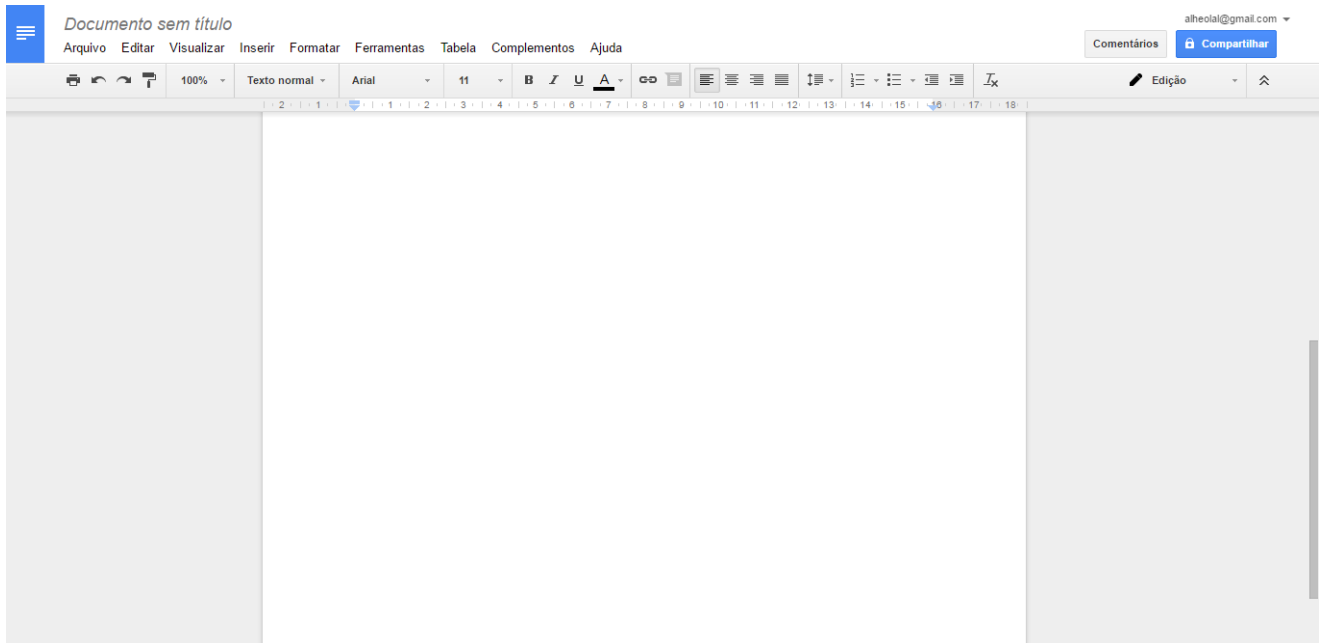
No computador o aplicativo pode ser acessado utilizando o seguinte link: <https://www.google.com/intl/pt-BR/docs/about/>

Para o acesso em aparelhos móveis como *smartphones* e *tablets*, o aplicativo pode ser baixado e instalado pelo **Play Store**. Basta buscar o aplicativo com o nome de Documentos.

Lembrando que para maior facilidade na utilização dos serviços, recomenda-se a criação ou utilização de um e-mail do servidor **Gmail**. Caso seus alunos não o possuam, oriente-os na criação do endereço eletrônico.

Após o *login* haverá a página inicial do aplicativo, nela aparece os últimos documentos editados. Para iniciar um novo texto deve-se clicar no link “Criar novo documento” presente na parte inferior direita da página, representada por um círculo vermelho com um sinal de adição em seu interior.

Ao clicar no link o direcionamento da página pode ser visto na imagem a seguir:



Área de trabalho do *Google Docs*

Fale algumas facilidades trazidas por esse recurso: digitação simultânea de texto, salvamento automático, várias possibilidades de compartilhamento e armazenamento.

Primeiras palavras

OBJETIVO

- Produzir o primeiro texto individual.

3ª

OFICINA

Atividades

Proponha aos alunos que escrevam um conto. Embora pareça, em primeiro momento, uma tarefa muito difícil para que eles realizem, contudo não é impossível. Esse momento de produção inicial é importante para que sejam constatados os conhecimentos sobre o gênero que já possuem até o momento.

A meta é traçar um quadro comparativo entre o que cada discente pode fazer e escrever e o que foi aprendido com o desenvolvimento das oficinas. Desse modo, o texto serve como material indicativo das dificuldades e obstáculos de escrita enfrentados pelos alunos.

Informe aos alunos que existem vários tipos de contos: psicológico, de fantasia, de terror, de crítica social. O primeiro texto será escrito com base nas escolhas que os alunos deverão produzir o conto, conforme seu imaginário de temas e criatividade para criação de personagens, de cenários e enredo.

Deixe bem claro para os alunos que essa produção não será avaliada de forma somativa, ou seja, não será atribuída nota ou conceito. Mas é importante que eles saibam que essa primeira escrita é uma forma de estabelecer os meios para que as dificuldades apresentadas sejam superadas.

Por esse motivo, ao ler os textos escreva alguns comentários sobre o que eles escreveram, sempre incentivando a melhorar, enaltecendo seus acertos, mas também os levando a refletirem sobre seus erros. Por exemplo: “Será que esse título está chamativo?” “Que tal descrever melhor o espaço onde se passa a estória?” “Fique atento quanto ao uso da pontuação.” “Muito interessante a caracterização dessa personagem.”

Ao final escreva em um cartaz ou no quadro os principais erros, dificuldades apresentadas por seus alunos. Explícite também os êxitos e aquilo que eles já sabem sobre o gênero textual em estudo. Essa sistematização é importante para definir e planejar as próximas tarefas, saber qual habilidade precisa de reforço, antecipar qual oficina poderá se estender mais, criar novas situações de aprendizagem.

No mundo da fantasia

OBJETIVOS

- Ler um conto de J.K Rowling.
- Explorar alguns aspectos característicos do gênero conto.

Material necessário

- Coletânea de contos.
- *Tablets, smartphones* ou computadores pessoais.

1ª Etapa

Inicie a conversa com os alunos perguntando se eles sabem, já ouviram falar ou leram alguma **estória**. Escreva a palavra no quadro, possivelmente eles dirão que a palavra está escrita incorretamente, e que o certo seria **história**. Diga a eles que se tratam de duas coisas distintas, como é possível identificar nas palavras Paulo Rounái no livro de contos de Guimarães Rosas:

“Éstória é o neologismo que distingue a história como conto – isto é, relato de acontecimentos fictícios – da história como registro de acontecimento reais da vida de povos e países.”

Deixe bem claro que os aspectos ficcionais são elementos primordiais para a construção do texto literário, desse modo estimule-os a pensar a literatura como uma representação da realidade existente. O texto literário é uma espécie de “faz de conta”, no qual os fatos parecem reais, mas não são. De modo que aquilo retratado não é o real,

mas poderia ser.

Esclarecida essa diferença registre no quadro quais narrativas ficcionais eles conhecem ou já leram. Antecipe e diga-lhes que o próximo texto a ser lido retratará bem esse mundo fantasioso e imaginário.

2ª Etapa

Solicite aos alunos que leiam, de forma individual e silenciosa, o texto “O conto dos três irmãos”, de J. K. Rowling.

O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS

J.K Rowling

Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer... Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras.

Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado. E a Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia, e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.

Então, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte e se dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, fabricou uma varinha de um galho da árvore e entregou-a ao irmão mais velho.

Então, o segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

Então, a Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade.

Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem viagem e foi o que eles fizeram, comentando, assombrados, a aventura que tinham vivido e admirando os presentes da Morte.

No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente. O primeiro irmão viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das Varinhas, ele não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e de que a arma o tornava invencível.

Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho. Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele. Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela. Assim, a Morte levou o segundo irmão.

Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida.

Fonte: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, o Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Vocabulário

Vadear: atravessar um rio pelos lugares menos profundos.

Versado: perito, que conhece bem, experiente.

Vetusto: velho, antigo.

Sabugueiro: pequena árvore ou arbusto.

Desposar: prometer casamento.

Compreensão do texto

- O texto retrata uma situação real ou fictícia? Explique sua resposta.
- Qual o tema central da narrativa?
- Quem são as personagens do texto? Descreva como é cada uma delas, usando as palavras do texto.
- Os irmãos conseguiram enganar a Morte?
- No nosso mundo, de que maneiras tentamos enganar ou atrasar o encontro com a morte?
- Se você pedisse um presente a Morte o que você pediria?

Espera-se que com esse exercício os alunos percebam os aspectos de ficção da narrativa tais como: magia, a figura da Morte, ressurreição, varinhas e adereços mágicos. Além disso, os discentes precisam observar a forma que cada personagem é mostrada pelo narrador, com as palavras do texto, por exemplo, a Morte tinha a aparência de um vulto encapuzado e era astuta. Ao pensar sobre a suposta enganação da Morte deve-se levar em consideração que ela planejou tudo para levar os três irmãos e, portanto, a Morte os enganou. Sobre os modos de evitar a morte, espera-se que os alunos ressaltem os avanços da Medicina, o aprimoramento das tecnologias, a prática hábitos de vida saudáveis.

Construção do texto

- Quem está contando a história? Uma das personagens ou outro ser que observa tudo “de fora”?
- Na história há um obstáculo ou dificuldade a ser superada. Que dificuldade é esta e como ela é superada?
- Em que cenário(s) ou espaço(s) se passa a estória?
- Que palavras indicam ou marcam a passagem do tempo?

- A expressão “Era uma vez...” é comum em que tipo de texto? Você acredita que o texto lido há pouco se encaixa nessa espécie de texto?

Essas perguntas pretendem incentivar a reflexão sobre as noções básicas dos aspectos estruturantes do texto narrativo: foco narrativo, espaço, tempo, enredo. Tais aspectos serão debatidos mais detalhadamente em outra oficina. Assim, os aprendizes devem notar que a história é contada por alguém que não participa das ações, que o impedimento em atravessar o rio é o que faz toda a narrativa se desenrolar. Os espaços apresentados estão relacionados ao caminho até o rio, a ponte, a aldeia visitada pelo irmão mais velho, a casa do irmão do meio. A passagem do tempo é marcada pelo uso de expressões como: “No devido tempo”, “...viajou uma semana ou mais”, “Na mesma noite”, “Entrementes”, “durante muitos anos”.

Conhecendo mais sobre a autora

Joanne Rowling

Nasceu em julho de 1965, Yate, na Inglaterra. Passou a infância em Chepstow, Gwent. Formada em Francês e Línguas clássicas pela Exeter University. Após a graduação, ela se mudou para Londres e trabalhou como pesquisadora da Anistia Internacional, entre outros empregos. Famosa por escrever a série Harry



Potter, que começou a ser escrita em uma viagem de trem, entre Manchester e King's Cross, em Londres. Durante os cinco anos

seguintes, ela desineceu os enredos para cada livro e começou a escrever o primeiro.

Em seguida, mudou-se para o norte de Portugal, onde foi professora de inglês como língua estrangeira. Ela casou-se em outubro de 1992 e teve uma filha em 1993. Quando morava em Edimburgo, o livro "Harry Potter e a Pedra Filosofal" foi finalmente concluído. O livro foi publicado pela primeira vez em junho de 1997, sob o nome de J.K. Rowling. O "K", de Kathleen, nome de sua avó paterna, foi acrescentado a pedido de sua editora, que pensou que o nome de uma mulher não seria atrativo para o público-alvo de jovens garotos. Escreveu também os livros: Animais Fantásticos e Onde Habitam (2001) Morte Súbita (2012), O chamado do Tucão (2013).

Mais informações podem ser obtidas no site:
http://www.jkrowling.com/pt_BR/

Como se conta um conto...

OBJETIVOS

- Ler e interpretar um conto de Monteiro Lobato.
- Identificar os recursos linguísticos e literários no conto.
- Refletir sobre o uso dos sinais de pontuação.

Material necessário

- Coletânea de contos.
- *Tablets, smartphones* ou computadores pessoais.

Com a leitura do último conto foi possível perceber o poder criativo que pode ter um texto literário como o conto, no qual surge um mundo de fantasia, seres mágicos, fatos inacreditáveis. Além dessa possibilidade do irreal, os textos podem falar sobre acontecimentos mais condizentes com a nossa realidade, ou seja, baseados em fatos reais.

Inicie uma conversa abordando a questão de a Humanidade acumular muitos acontecimentos em sua história: nascimento das grandes civilizações, guerras, achamentos e conquistas de novos territórios. Para o povo brasileiro há um momento bastante marcante na história, a escravidão.

Aqueça uma roda de discussão sobre o assunto, sondando o que os alunos sabem sobre a temática. Direcione perguntas como:

- Em que período a escravidão existiu no Brasil?
- De onde vinham esses escravos?
- Como eles viviam? Como eram tratados?

O próximo conto a ser lido irá retratar uma situação vivida nesse período histórico. Apresente o título do texto, “Negrinha”, e faça algumas perguntas que mostrem algumas hipóteses ou expectativas sobre o conto. Compartilhe o texto por meio do Google Documentos ou solicite-lhes que leiam na coletânea de contos.

1ª Etapa

Leia o texto em voz alta, para que os alunos percebam como a entonação causada pela pontuação e pelo uso de certas expressões linguísticas ajudam na construção dos sentidos do texto. É importante que em determinados pontos das narrativas, sejam realizadas pequenas pausas para questionamentos sobre o desenvolvimento da história, ou em momentos anteriores a reviravoltas no enredo. Aproveite as pausas também para explorar os significados das palavras desconhecidas, estimulando-os a fazer inferências sobre o sentido que pode ser aplicado naquela frase ou contexto.

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, animada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

– Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

– Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

– Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

– Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas – um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!” ...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

– Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha – coisa de rir – um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta – atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

– “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste – e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

– Eu curo ela! – disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

– Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

– Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

– Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

– Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

– Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária – mas que trabalhadeira me dá!

– A caridade é a mais bela das virtudes cristas, minha senhora – murmurou o padre.

– Sim, mas cansa...

– Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

– Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado – e findo o seu inferno – e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral – sofrimento novo que se vinha crescer aos já conhecidos – a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

– Quem é, titia? – perguntou uma das meninas, curiosa.

– Quem há de ser? – disse a tia, num suspiro de vítima. – Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

– Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! – refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

– Meus brinquedos! – reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

– É feita?... – perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

– Nunca viu boneca?

– Boneca? – repetiu Negrinha. – Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

– Como é boba! – disseram. – E você como se chama?

– Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

– Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo – estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

– Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma – na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca – preparatório –, e o momento dos filhos – definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível

viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochava-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”

Disponível em: <http://www.bancodeescola.com/negrinha.htm>. Acesso em 20 de maio de 2016 às 17:34.

Atividades

Compreensão do texto

- Que sentimentos ou sensações foram despertadas em você durante a leitura? Que trecho mais lhe chamou atenção?
- Quem é a principal personagem do conto? Como ela é caracterizada?
- É a personagem antagonista? Como o texto a caracteriza?
- A forma que D. Inácia é descrita condiz com a sua conduta?
- A personagem Negrinha não possui um nome de batismo no texto. Por que você acha que isso aconteceu?
- Que castigos foram impostos à Negrinha? Qual foi, em sua opinião, o pior?
- Como as sobrinhas de D. Inácia são descritas?
- Que fato mudou a vida de negrinha?
- O que levou negrinha a morte? Por que isso ocorreu?
- O texto cita a data de 13 de maio. Você sabe o que essa data representa? O que aconteceu de importante nessa data?

Estimule os alunos para que oralizem suas respostas, caso eles não consigam responder imediatamente, dê pequenas pistas e oriente-os para que eles tirem suas conclusões baseados no que o texto apresenta, citando trechos se possível. Registre algumas respostas no quadro, problematize-as para verificar os pontos divergentes e convergentes nas interpretações dos alunos. Estimule-os ainda a comentar outras passagens ou outros elementos que lhe chamaram atenção e que não foram contemplados pelas perguntas dirigidas a eles.

Construção do texto

1. A personagem Negrinha não é apresentada com um nome de batismo. Por que isso acontece? Que outros nomes são designados para ela?
2. Observe que a maioria das palavras que se referem à Negrinha são substantivos comuns, isto é, as palavras que nomeiam seres, objetos, animais que partilham de características comuns, sem fazer nenhuma especificação. Podemos afirmar que essa personagem era tratada como coisa e não como ser humano? Comprove com trechos do texto.

3. Pensando sobre o que seria a humanidade e suas características, o que você acredita que nos torna humano?

4. Em várias passagens o autor usou aspas. Observe os trechos abaixo e relacione cada frase com a função de cada uma delas:

I. Indicar ironia ou sentido diferente na palavra

II. Enfatizar ou destacar uma palavra ou expressão.

III. Indicar uma citação ou fala de outra pessoa.

() *“Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor...*

() *Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”...*

() *A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás!*

() *“Como era boa para um cocre!...”*

5. O que mudaria no sentido ou no significado se as expressões ou palavras não estivessem entre aspas?

6. Outro sinal bastante utilizado foi o travessão. Identifique nas passagens abaixo a função de cada uso.

I. Indicar fala ou diálogo entre personagens.

II. Ressaltar, com informações adicionais, algo que foi dito anteriormente.

III. Fala seguida de comentário sobre ela.

IV. Comentário ou introdução do pensamento do narrador.

() — Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

() Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim.

() — Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

() Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados.

8. Em várias passagens o autor usou também os dois pontos. Observe os trechos abaixo e relacione cada frase com a função de cada uma delas:

I. Indicar uma enumeração.

II. Introduzir a fala de um personagem.

III. Indicar uma explicação ou esclarecimento sobre algo dito anteriormente.

() A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha.

() ...o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

() Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente.

() Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:
— Venha cá!

() uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

() Qualquer “coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor

9. Observe os usos dos parênteses e diga que função foi empregada em cada passagem.

a) Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava...

b) ...o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o as duas mãos, o sacudido

2ª Etapa

Formas de dizer

Nos textos literários como o conto, os autores, ao descrever lugares, objetos, personagens e fatos exploram uma série de recursos de linguagem que têm a função de criar imagens mentais, incitar sensações e emoções no leitor, realçar certos detalhes e características.

Escreva no quadro as seguintes frases:

Punha-lhe os nervos em carne viva.

Ficava extremamente nervosa.

Pergunte a eles se há diferenças no sentido das frases. Questione também qual delas causa mais impacto semanticamente. Esclareça, afirmando que os autores dos textos literários servem-se desses recursos linguísticos para tornar particulares os fatos relatados, as caracterizações das personagens e as descrições espaciais.

Palavras usadas pelo autor	Fato relatado
Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia.	Insensibilidade com o choro de seus próprios familiares e muito mais ainda com o das outras pessoas.
Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço.	As agressões físicas eram tão naturais e recorrentes como a atração magnética do ímã com o aço.
...desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.	A forma que ela andava lembra uma perua.
...pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos.	Comparação entre o modo que se comportavam com a agitação de filhotes de cachorro.
Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou... E tudo se esvaiu em trevas.	Descrição do momento da morte de Negrinha.

Figuras de linguagem

Um dos principais recursos de linguagem utilizados pelos autores dos contos é a exploração das figuras de linguagem

Metáfora: recurso no qual o sentido de uma palavra é transportado para outra. Nesse caso há uma espécie de comparação não marcada.

Ex.: Aquele aluno é um doce.

Comparação: estabelecimento de relação de semelhança entre seres ou coisas. Geralmente os termos comparativos são utilizados.

Ex.: Minha melhor amiga é fiel como um cão.

Eufemismo: uso de termos mais brandos ou suaves no lugar de palavras ofensivas ou mais “pesadas”.

Ex.: Como você está fofinha (ao invés de dizer gorda)

Meu avô partiu dessa para melhor (ao invés de falar morreu)

Metonímia: consiste no emprego de um termo no lugar de outro, havendo entre ambos, estreita afinidade ou relação de sentido, assim o uso de tais palavras, por meio de metonímia, remete ao fato de que um lembra o outro.

Ex.: O pão nosso de cada dia. (A parte pelo todo: pão substitui alimento)

Você comprou o Bombril? (Marca pelo produto)

Um basta nas guerras! Não aguentamos mais tanto sangue derramado.

(O efeito pela causa: não é o sangue em si é o alvo do descontentamento, mas as mortes causadas pela guerra.)

A língua da minha sogra é ferina (A causa pelo efeito: a língua, por fazer parte do aparelho fonador, é a causa e os dizeres são o efeito)

Quando você vai devolver meu Machado de Assis? (O autor pela obra)

O cão é o melhor amigo do homem. (O específico pelo geral)

A juventude é rebelde (O abstrato pelo concreto: juventude está no lugar de jovens)

João tomou todo o copo duma vez. (O continente pelo conteúdo)

Personificação ou prosopopeia: atribuição de características, sentimentos, sensações e ações humanas a seres inertes ou animais.

Ex.: As bandeirinhas vibravam e dançavam ao som da quadrilha.

Ironia: efeito de sentido no qual o que é dito tem o valor contrário do que se espera.

Ex.: Como está frio em Rio Branco! Só uns 40 graus...

Sinestesia: mistura de impressões, sensações e percepções em relação aos diferentes sentidos sensoriais.

Ex.: No ar ainda havia dourado perfume dos seus cabelos.

Antítese: emprego de ideias que denotam sentidos opostos ou contrários para alcançar efeitos específicos.

Ex.: Encontrava-se solitário em meio a multidão

Hipérbole: forma de expressão na qual há exagero no fato ou ideia relatada, de forma a dar maior ênfase ao que se quer dizer.

Ex.: Já expliquei um milhão de vezes, mas você não entende.

Análise do uso de alguns recursos linguísticos em “Negrinha”, de Monteiro Lobato

Observe alguns trechos em que a linguagem literária é empregada:

*Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe **os nervos em carne viva.***

Nessa passagem há uma espécie de comparação entre a dor de uma ferida em “carne viva” e o desconforto em ouvir choro de crianças, contudo essa comparação não é direta, mediante o uso de termos comparativos. Trata-se portanto de uma **metáfora**.

*Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, **como um gato sem dono.***

Nesse trecho há uma **comparação**, já que estabelece uma relação de semelhança na situação de abandono da morte de Negrinha. Temos ainda a utilização do indicador de comparação como.

***A excelente** dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças.*

Apesar de referir-se como excelente, o narrador também mostra que as ações da personagem não condizem com essa forma de tratamento, dessa forma ele quer dizer realmente o contrário, usando o tom de **ironia**.

*E tudo se **esvaiu em trevas**.*

A expressão esvair sugere a conotação de acabar, dar um fim, enquanto que a palavra trevas está relacionada sempre com uma imagem ruim, morte, destruição. Estabelece-se assim um **eufemismo** para retratar o momento da morte de Negrinha.

Explorando a linguagem literária

Solicite aos alunos que reescrevam as frases a seguir, procurando explorar os recursos da linguagem para torná-las mais “literárias” possíveis, conforme ilustra o exemplo.

A) O sol da manhã iluminou a janela.

Ex.: Os raios do alvorecer rasgavam a janela de forma esplendorosa.

B) No parque, as árvores embelezavam, pássaros cantavam e as crianças brincavam.

C) Havia muitos raios naquela noite chuvosa.

D) A beleza de Eugênia era demais.

E) Aos poucos Eduardo foi morrendo.

F) Este aluno é muito teimoso.

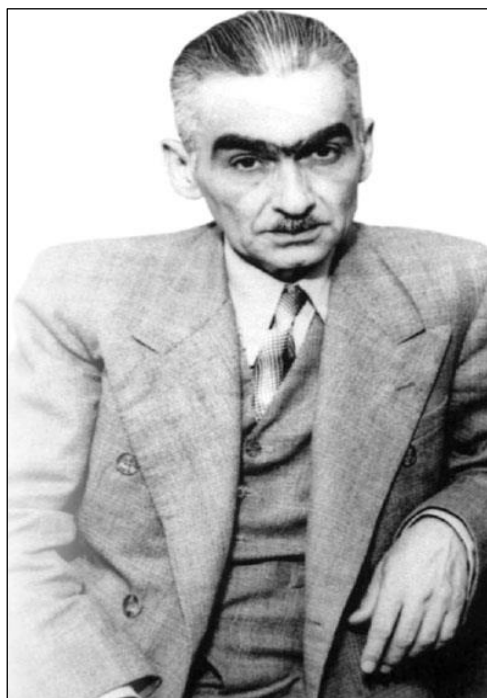
G) O ventilador todo quebrado, quase não rodava mais.

H) Ainda me lembro do cheiro do café da vovó.

Oriente-os de forma que eles percebam que podem ampliar os sentidos das frases, por meio da utilização de metáforas, personificações, comparações e outros recursos linguísticos para causar efeitos literários nas frases. Escreva algumas delas no quadro, ajude a ajustá-las se for necessário, compare as várias versões dadas para a mesma frase proposta.

Monteiro Lobato (1882-1948)

foi um escritor e editor brasileiro. "O Sítio do Pica-pau Amarelo" é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a "Editora Monteiro Lobato" e posteriormente a "Companhia Editora Nacional". Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Metade de suas obras é formada de literatura infantil. Destaca-se pelo caráter nacionalista (ou seja, exaltava os valores da pátria) e social. Principais obras publicadas: Ideias de Jeca Tatu (1918); Urupês (1918); Cidades Mortas (1920); Negrinha (1920); O Saci (1921); Narizinho Arrebitado (1921); O Marquês de Rabicó (1922); O Macaco que se fez Homem (1923); Reinações de Narizinho, literatura infantil, (1931); Viagem ao Céu (1931); Emília no País da Gramática (1934)



Mais informações disponíveis em http://www.e-biografias.net/monteiro_lobato/

O esqueleto do conto

OBJETIVOS

- Ler um conto de Machado de Assis com auxílio das ferramentas do Google Documentos.
- Apresentar noções dos principais elementos constitutivos do conto.

Material necessário

- Computadores, tablets, smartphones.
- Datashow.

Atividades

1ª Etapa

Projete as seguintes imagens:



Fonte: <http://tarotparahoy.com/la-cartomancia/>



Antes da leitura lance os seguintes questionamentos:

- Que situações são retratadas nas imagens?
- Você acredita em superstições?
- Já realizou alguma simpatia ou tem algum hábito supersticioso?
- Você já ouviu falar sobre cartomantes? Sabe o que ela faz?

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

– Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era: Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

– Errou, interrompeu Camilo, rindo.

– Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Villela podia sabê-lo, e depois...

– Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

– Onde é a casa? – Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez

– Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de credices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Villela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Villela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Villela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

– É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Villela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Villela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Villela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Villela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos

de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Villela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femmina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as coisas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Villela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pode ler no próprio coração, não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as coisas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pode. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Villela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Villela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Villela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, **disse** ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Villela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Villela: "Vem já, já, à nossa

casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas coisas com a notícia da véspera.

– Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, – repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Villela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Villela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, – o que era ainda pior, – eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Villela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? **Era perto de uma hora da tarde.** A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

– Quanto antes, melhor, **pensou** ele; não posso estar assim... Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar, a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejudas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. **A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas.** O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvaír-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

– Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras coisas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas coisas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se... ?

Deu por si na calçada, ao pé da porta: disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. **A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso;** mais ele não, viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tar-

de, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. **Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela,** que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. **Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos.** Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

– Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

– E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

– A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela curioso e ansioso.

– As cartas dizem-me... Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

– A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante. Esta levantou-se, rindo.

– *Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...*

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

– Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

– Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

– Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. *Vá, vá, tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...*

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela em baixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo-lhe parecia agora melhor, as outras coisas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Villela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobriu a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

– Vamos, vamos depressa, **repetia** ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer coisa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Villela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Villela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

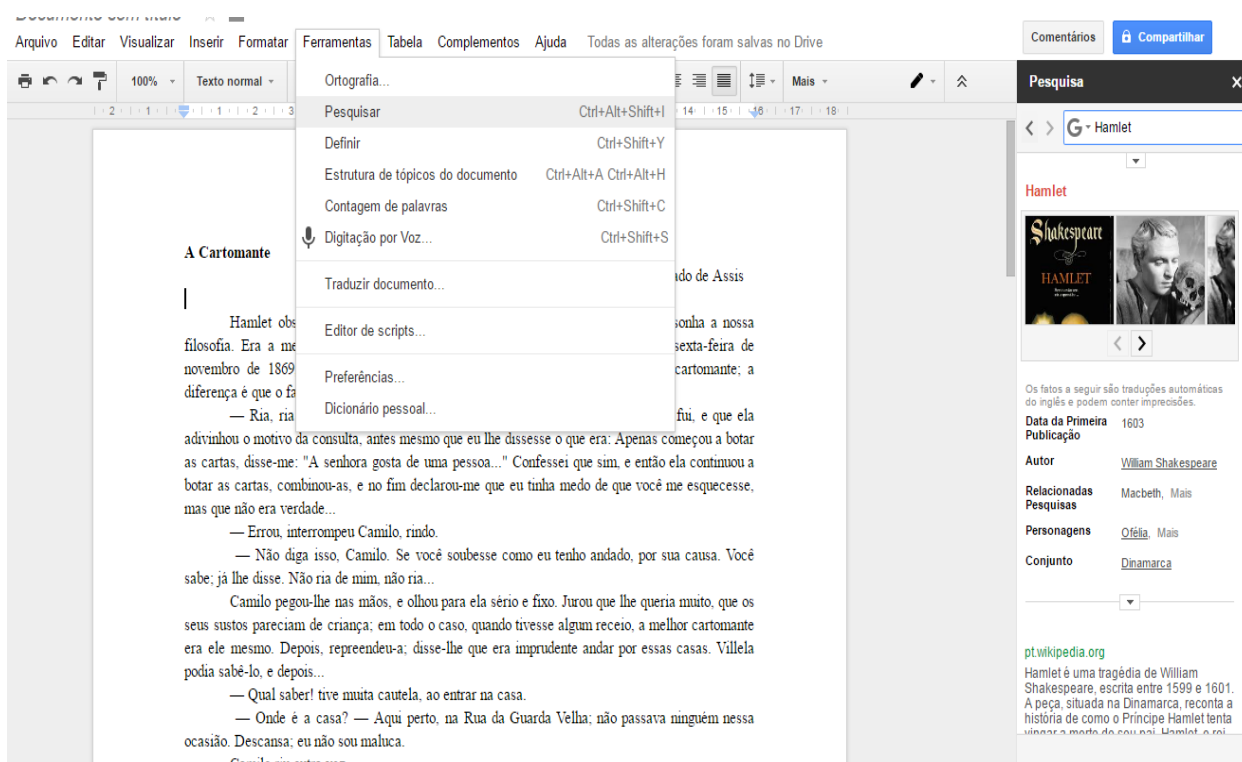
Villela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pode sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Villela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

Leitura em ambiente digital

Utilizando o aplicativo Google documents, compartilhe e disponibilize o texto “A cartomante”, de Machado de Assis para os alunos. Oriente-os para que todos consigam acessar seja no computador, *tablet* ou *smartphone*.

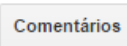
Em um primeiro momento utilize a leitura individual silenciosa, pois eles usarão alguns recursos oriundos da ferramenta digital. No percurso da leitura é provável que os discentes encontrem algumas dificuldades para construir sentido em algumas passagens do conto, causadas pela incompreensão de algumas palavras, expressões ou outras referências. No aplicativo em questão há uma ferramenta que permite a pesquisa de conteúdos na rede mundial de computadores, o que torna a leitura dinâmica.

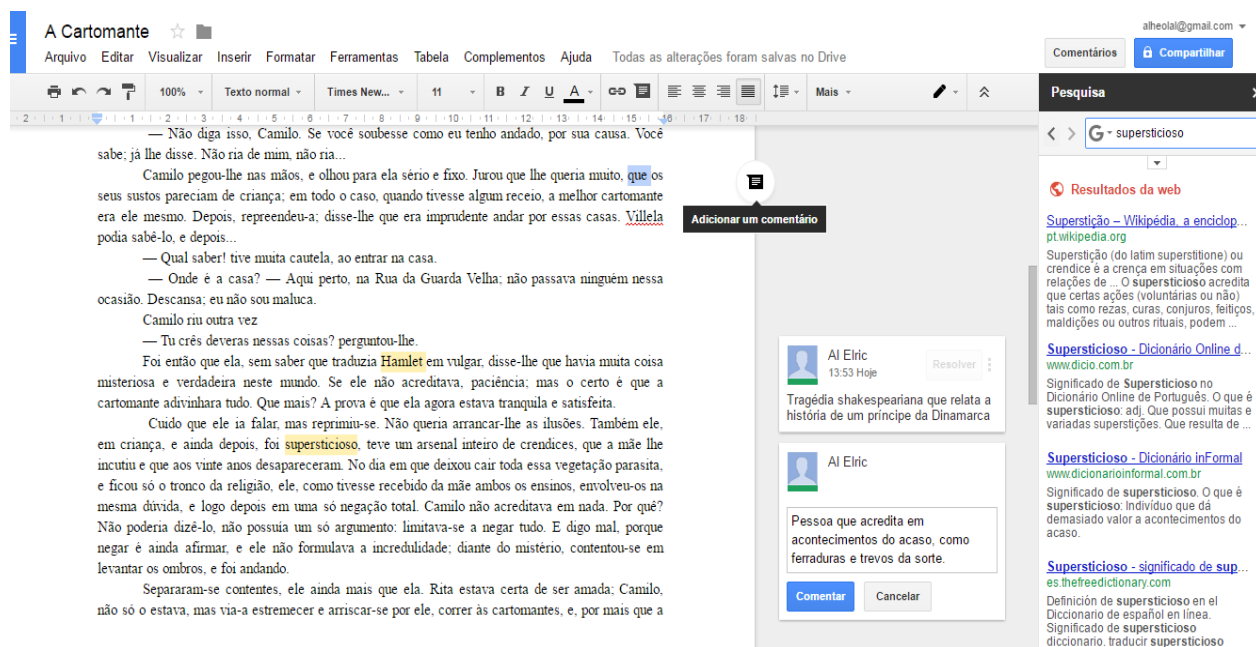
Para acessar esse recurso pode-se utilizar o menu **Ferramentas** > **Pesquisar** ou o atalho pelo teclado **Ctrl+Alt+Shift+I**, conforme é ilustrado na imagem a seguir. Ao utilizar um desses comandos surge na tela uma pequena janela em que é possível digitar palavras e realizar pesquisas, depois é só clicar nos *links* que lhe melhor se adequa a sua busca, ao acionar o *link* desejado uma nova guia no navegador da internet (browser) será aberta.



The image shows a screenshot of the Google Docs web interface. The 'Ferramentas' (Tools) menu is open, highlighting the 'Pesquisar' (Search) option with the keyboard shortcut Ctrl+Alt+Shift+I. The search results window on the right shows a search for 'Hamlet' on Google. The results include a preview of a book cover for 'Hamlet' by Shakespeare, with details such as the author (William Shakespeare), publication date (1603), and related searches like 'Macbeth' and 'Ofélia'. The main document content in the background is the text of 'A Cartomante' by Machado de Assis, with a search bar at the top of the document area.

Aliado à pesquisa podemos fazer uso também da ferramenta de acréscimo de comentários no texto. Assim, algumas passagens do texto podem ser destacadas, assim como fazemos nos textos impressos ao rabiscar anotações nos espaços em branco da página. Dessa forma, os alunos podem escrever os significados das palavras que desconhecem. Para adicionar comentários é necessário selecionar a palavra ou expressão desejada e depois acessar um dos seguintes métodos: pelo menu **Inserir > Comentar**; o atalho **Ctrl+Alt+M**; através do botão

com o desenho de um balão  que surge ao selecionar uma palavra; ou ainda no botão comentários presente no lado superior direito da tela. A imagem a seguir ilustra a utilização dos comentários como suporte para a leitura do conto.



The screenshot shows a Google Docs interface for the document 'A Cartomante'. A comment box is open over the word 'supersticioso' in the text. The comment box displays the user 'Al Elric' and a text input field containing the definition: 'Pessoa que acredita em acontecimentos do acaso, como ferraduras e trevos da sorte.' The right sidebar shows search results for 'supersticioso', including links to Wikipedia and other dictionaries.

Compreensão do texto

1. Que temáticas são exploradas no conto de Machado de Assis?
2. O que quer dizer a frase dita por Hamlet e citada no texto: “há mais coisas no céu e na terra do que sonha nossa filosofia”? Qual é a relação dela com o texto?
3. Por quais motivos Rita resolve procurar a cartomante? Qual é a sua reação depois de visitá-la?

4. O que fez Camilo se afastar de Rita e Vilela?
5. O desfecho da narrativa foi uma surpresa ou foi previsível? Explique sua resposta.
6. Releia o trecho a seguir e responda os questionamentos:

“Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculuiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando”.

I. Segundo o trecho acima, Camilo

- A) Desde criança, não tinha crendices.
- B) Diante do desconhecido, preferia agir com indiferença.
- C) Era crédulo, apesar de negar qualquer fé.
- D) Negava qualquer envolvimento com religião.

II. Em relação às descrenças de Camilo, o narrador emite opinião em:

- A) “ diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.”
- B) “ Também ele, em criança, e ainda depois foi supersticioso”
- C) “ E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade”
- D) “ No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião.”

III. “No dia em que deixou cair toda essa **vegetação parasita...**”, a expressão em destaque faz referência:

- A) Crendices.
- B) Incredulidade .
- C) Ilusões.
- D) Mistério.

IV. “...que a mãe lhe **inculuiu** e que aos vinte anos desapareceram.” , de acordo com o contexto a palavra destacada pode ser substituída sem prejuízos no sentido proposto por:

- A) Insinuou.
- B) Informou.
- C) Indicou.

D) Introduziu.

Construção do texto

1. Releia o primeiro parágrafo e indique quais informações relevantes foram apresentados ao leitor logo no início do texto.
 2. Observe a forma que os fatos são narrados. Você percebe que há uma passagem linear, ou seja, contínua no tempo ou há *retomadas ou flash backs*? Explique como os fatos se sucederam no conto “A Cartomante”.
 3. Observe a forma que a personagem Rita é descrita pelo narrador. Que figura de linguagem ele usa para fazer essa descrição?
 4. O narrador emite suas opiniões, impressões ou seu ponto de vista em algum momento ao relatar os acontecimentos? Exemplifique com trechos.
 5. Que fato ou acontecimento gera o conflito que faz com que toda a narrativa se desenvolva?
 6. Observe que no texto há palavras e expressões destacadas de diferentes cores. Cada cor representa os recursos ou as marcas discursivas utilizadas pelo autor para construir o texto narrativo. A seguir relacione cada cor com um desses recursos.
 - a. Amarelo
 - b. vermelho
 - c. Azul-claro
 - d. Azul-escuro
- () Marcas do narrador observador, mediante o uso de verbos em 3ª pessoa. Passagens que revelam a participação subjetiva do narrador ou emissões de juízos de valor.
- () Caracterização física e/ ou comportamental das personagens.
- () Marcação da passagem temporal. Localização e caracterização dos espaços.
- () Uso de verbos de dizer ou verbos de elocução para indicar falas das personagens.

Mediante essa atividade reforce para os alunos a importância de fazer grifos, destaques e anotações durante a leitura para evidenciar trechos, expressões ou passagens dos textos. A realização dessa tarefa ajuda a aprimorar as habilidades leitoras, além de organizar e sistematizar o que foi lido.

Conhecendo mais sobre o autor

Machado de Assis (1839-1908)

*Negro, oriundo de família de família pobre, Joaquim Maria Machado de Assis, nasceu no subúrbio carioca e hoje é considerado o maior nome entre os escritores brasileiros. Escreveu poemas, contos, crônicas e romances que foram publicados nos jornais em que ele trabalhou. Uma de suas principais obras é o romance **Memórias póstumas de Braz Tubas (1881)**, além disso*



*escreveu vários contos entre os quais podemos destacar: **Uns braços, O alienista, A igreja do diabo, Missa de galo.** Suas obras procuravam*

explorar os aspectos políticos e sociais da época, refletindo sobre eles de forma particular com um tom de ironia único que o consagrou.

Leia mais sobre o autor e suas obras no site:

<http://www.machadodeassis.org.br/>

As vozes do conto

OBJETIVOS

- Ler um conto de Edgar Allan Poe.
- Identificar os tipos de discurso direto, indireto e indireto livre.
- Problematizar o foco narrativo.
- Retextualizar um texto adaptando o foco narrativo.

Material necessário

- Coletânea de contos.
- Quadro branco ou cartolinas.

Para início de conversa

Os animais de estimação acompanham a Humanidade durante sua longa jornada histórica: cães, papagaios, peixes, coelhos, canários e gatos são bons e agradáveis companheiros. Os últimos, os felinos domésticos, possuem vasta representação, que vai da adoração como entidades divinas, no Egito Antigo, até a adoção, nos dias atuais, como se fosse um membro da família.

Pergunte aos alunos o que imediatamente lhes vem à cabeça quando ouvem falar sobre um gato preto. Ou ainda que crenças giram em torno dessa figura.

Diga a eles também que o próximo texto a ser lido tem o título de “O gato preto”, dessa forma questione o que ele sugere em relação ao assunto, as personagens, os espaços retratados no conto.

Esclareça também que durante a leitura do texto eles devem estar atentos ao modo como a narrativa é contada, pois se diferencia um pouco dos tipos de contos lidos anteriormente.

Relembre aos alunos que façam os destaques e anotações necessários para organização e sistematização das passagens importantes do texto como foi feito na oficina anterior.

Durante a leitura, anote no quadro ou em cartazes as frases que contenham palavras desconhecidas pelos discentes e procure junto com eles descobrir e explorar os significados e sentidos, sem o auxílio de dicionários ou de buscas na internet.

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã morro e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido a suas consequências, tais acontecimentos me aterrorizaram, torturaram e destruíram.

No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror – mas, em muitas pessoas, talvez lhes pareçam menos terríveis que grotesco. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum – uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que, a minha, que perceba, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.

Desde a infância, tornaram-se patentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. A ternura de meu coração era tão evidente, que me tomava alvo dos gracejos de meus companheiros. Gostava, especialmente, de animais, e meus pais me permitiam possuir grande variedade deles. Passava com eles quase todo o meu tempo, e jamais me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acariciava. Com os anos, aumentou esta peculiaridade de meu caráter e, quando me tomei adulto, fiz dela uma das minhas principais fontes de prazer. Aos que já sentiram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso dar-me ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se pode ter com isso. Há algo, no amor desinteressado, e capaz de sacrifícios, de um animal, que toca diretamente o coração daqueles que tiveram ocasiões frequentes de comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade de um simples homem.

Casei cedo, e tive a sorte de encontrar em minha mulher disposição semelhante à minha. Notando o meu amor pelos animais domésticos, não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um cão, coelhos, um macaquinho e um gato.

Este último era um animal extraordinariamente grande e belo, todo negro e de espantosa sagacidade.

Ao referir-se à sua inteligência, minha mulher, que, no íntimo de seu coração, era um tanto supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas. Não que ela se referisse seriamente a isso: menciono o fato apenas porque aconteceu lembrar-me disso neste momento.

Pluto – assim se chamava o gato – era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía. Só eu o alimentava, e ele me seguia sempre pela casa. Tinha dificuldade, mesmo, em impedir que me acompanhasse pela rua.

Nossa amizade durou, desse modo, vários anos, durante os quais não só o meu caráter como o meu temperamento – enrubesço ao confessá-lo – sofreram, devido ao demônio da intemperança, uma modificação radical para pior. Tomava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritado, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu caráter. Não apenas não lhes dava atenção alguma, como, ainda, os maltratava. Quanto a Pluto, porém, ainda despertava em mim consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não sentia escrúpulo algum em maltratar os coelhos, o macaco e mesmo o cão, quando, por acaso ou afeto, cruzavam em meu caminho. Meu mal, porém, ia tomando conta de mim – que outro mal pode se comparar ao álcool? – e, no fim, até Pluto, que começava agora a envelhecer e, por conseguinte, se tomara um tanto rabugento, até mesmo Pluto começou a sentir os efeitos de meu mau humor. Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado, de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado ante a minha violência, me feriu a mão, levemente, com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim.

Já não sabia mais o que estava fazendo. Dir-se-ia que, súbito, minha alma abandonara o corpo, e uma perversidade mais do que diabólica, causada pela genebra, fez vibrar todas as fibras de meu ser. Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! Enrubescço, estremeço, abraso-me de vergonha, ao referir-me, aqui, a essa abominável atrocidade. Quando, com a chegada da manhã, voltei à razão — dissipados já os vapores de minha orgia noturna — , experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível. Mergulhei novamente em excessos, afogando logo no vinho a lembrança do que acontecera.

Entrementes, o gato se restabeleceu, lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspecto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor. Passeava pela casa como de costume, mas, como bem se poderia esperar, fugia, tomado de extremo terror, à minha aproximação. Restava-me ainda o bastante de meu antigo coração para que, a princípio, sofresse com aquela evidente aversão por parte de um animal que, antes, me amara tanto. Mas esse sentimento logo se transformou em irritação. E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da perversidade.

Desse espírito, a filosofia não toma conhecimento. Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano - uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem. Quem não se viu, centenas de vezes, a cometer ações vis ou estúpidas, pela única razão de que sabia que não devia cometê-las? Acaso não sentimos uma inclinação constante mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo, para violar aquilo que é lei, simplesmente porque a compreendemos como tal? Esse espírito de perversidade, digo eu, foi a causa de minha queda final. O vivo e insondável desejo da alma de atormentar-se a si mesma, de violentar sua própria natureza, de fazer o mal pelo próprio mal, foi o que me levou a continuar e, afinal, a levar a cabo o suplício que infligira ao inofensivo animal. Uma manhã, a sangue frio, meti-lhe um nó corredio em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fi-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele.

Enforquei-o porque sabia que estava cometendo um pecado — um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível.

Na noite do dia em que foi cometida essa ação tão cruel, fui despertado pelo grito de "fogo!". As cortinas de minha cama estavam em chamas. Toda a casa ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens terrenos foram tragados pelo fogo, e, desde então, me entreguei ao desespero.

Não pretendo estabelecer relação alguma entre causa e efeito - entre o desastre e a atrocidade por mim cometida. Mas estou descrevendo uma sequência de fatos, e não desejo omitir nenhum dos elos dessa cadeia de acontecimentos. No dia seguinte ao do incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com exceção de uma apenas, tinham desmoronado. Essa única exceção era constituída por um fino tabique interior, situado no meio da casa, junto ao qual se achava a cabeceira de minha cama. O reboco havia, aí, em grande parte, resistido à ação do fogo — coisa que atribuí ao fato de ter sido ele construído recentemente. Densa multidão se reunira em torno dessa parede, e muitas pessoas examinavam, com particular atenção e minuciosidade, uma parte dela. As palavras "estranho!", "singular!", bem como outras expressões semelhantes, despertaram-me a curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal.

Logo que vi tal aparição — pois não poderia considerar aquilo como sendo outra coisa — , o assombro e terror que se me apoderaram foram extremos. Mas, finalmente, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrei-me, fora enforcado num jardim existente junto à casa. Aos gritos de alarma, o jardim fora imediatamente invadido pela multidão. Alguém deve ter retirado o animal da árvore, lançando-o, através de

uma janela aberta, para dentro do meu quarto. Isso foi feito, provavelmente, com a intenção de despertar-me. A queda das outras paredes havia comprimido a vítima de minha crueldade no gesso recentemente colocado sobre a parede que permanecera de pé. A cal do muro, com as chamas e o amoníaco desprendido da carcaça, produzira a imagem tal qual eu agora a via.

Embora isso satisfizesse prontamente minha razão, não conseguia fazer o mesmo, de maneira completa, com minha consciência, pois o surpreendente fato que acabo de descrever não deixou de causar-me, apesar de tudo, profunda impressão. Durante meses, não pude livrar-me do fantasma do gato e, nesse espaço de tempo, nasceu em meu espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, embora não o fosse. Cheguei, mesmo, a lamentar a perda do animal e a procurar, nos sórdidos lugares que então frequentava, outro bichano da mesma espécie e de aparência semelhante que pudesse substituí-lo.

Uma noite, em que me achava sentado, meio aturdido, num antro mais do que infame, tive a atenção despertada, subitamente, por um objeto negro que jazia no alto de um dos enormes barris, de genebra ou rum, que constituíam quase que o único mobiliário do recinto. Fazia já alguns minutos que olhava fixamente o alto do barril, e o que então me surpreendeu foi não ter visto antes o que havia sobre o mesmo. Aproximei-me e toquei-o com a mão. Era um gato preto, enorme — tão grande quanto Pluto — e que, sob todos os aspectos, salvo um, se assemelhava a ele. Pluto não tinha um único pelo branco em todo o corpo — e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito.

Ao acariciar-lhe o dorso, ergueu-se imediatamente, ronronando com força e esfregando-se em minha mão, como se a minha atenção lhe causasse prazer. Era, pois, o animal que eu procurava. Apressei-me em propor ao dono a sua aquisição, mas este não manifestou interesse algum pelo felino. Não o conhecia; jamais o vira antes.

Continuei a acariciá-lo e, quando me dispunha a voltar para casa, o animal demonstrou disposição de acompanhar-me. Permiti que o fizesse — detendo-me, de vez em quando, no caminho, para acariciá-lo.

Ao chegar, sentiu-se imediatamente à vontade, como se pertencesse a casa, tomando-se, logo, um dos bichanos preferidos de minha mulher.

De minha parte, passei a sentir logo aversão por ele. Acontecia, pois, justamente o contrário do que eu esperava. Mas a verdade é que - não sei como nem por quê — seu evidente amor por mim me desgostava e aborrecia. Lentamente, tais sentimentos de desgosto e fastio se converteram no mais amargo ódio. Evitava o animal. Uma sensação de vergonha, bem como a lembrança da crueldade que praticara, impediam-me de maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas, não lhe bati nem pratiquei contra ele qualquer violência; mas, aos poucos - muito gradativamente — , passei a sentir por ele inenarrável horror, fugindo, em silêncio, de sua odiosa presença, como se fugisse de uma peste.

Sem dúvida, o que aumentou o meu horror pelo animal foi a descoberta, na manhã do dia seguinte ao que o levei para casa, que, como Pluto, também havia sido privado de um dos olhos. Tal circunstância, porém, apenas contribuiu para que minha mulher sentisse por ele maior carinho, pois, como já disse, era dotada, em alto grau, dessa ternura de sentimentos que constituíra, em outros tempos, um de meus traços principais, bem como fonte de muitos de meus prazeres mais simples e puros.

No entanto, a preferência que o animal demonstrava pela minha pessoa parecia aumentar em razão direta da aversão que sentia por ele. Seguia-me os passos com uma pertinácia que dificilmente poderia fazer com que o leitor compreendesse. Sempre que me sentava, enrodilhava-se embaixo de minha cadeira, ou me saltava ao colo, cobrindo-me com suas odiosas carícias. Se me levantava para andar, metia-se-me entre as pernas e quase me derrubava, ou então, cravando suas longas e afiadas garras em minha roupa, subia por ela até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse ímpetos de matá-lo de um golpe, abstinha-me de fazê-lo devido, em parte, à lembrança de meu crime anterior, mas, sobretudo — apresso-me a confessá-lo — , pelo pavor extremo que o animal me despertava.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia defini-lo de outra ma-

neira. Quase me envergonha confessar — sim, mesmo nesta cela de criminoso — , quase me envergonha confessar que o terror e o pânico que o animal me inspirava eram aumentados por uma das mais puras fantasias que se possa imaginar. Minha mulher, mais de uma vez, me chamara a atenção para o aspecto da mancha branca a que já me referi, e que constituía a única diferença visível entre aquele estranho animal e o outro, que eu enforcara. O leitor, decerto, se lembrará de que aquele sinal, embora grande, tinha, a princípio, uma forma bastante indefinida. Mas, lentamente, de maneira quase imperceptível — que a minha imaginação, durante muito tempo, lutou por rejeitar como fantasiosa —, adquirira, por fim, uma nitidez rigorosa de contornos. Era, agora, a imagem de um objeto cuja menção me faz tremer... E, sobretudo por isso, eu o encarava como a um monstro de horror e repugnância, do qual eu, se tivesse coragem, me teria livrado. Era agora, confesso, a imagem de uma coisa odiosa, abominável: a imagem da forca! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte!

Na verdade, naquele momento eu era um miserável — um ser que ia além da própria miséria da humanidade. Era uma besta-fera, cujo irmão fora por mim desdenhosamente destruído... uma besta-fera que se engendrara em mim, homem feito à imagem do Deus Altíssimo. Oh, grande e insuportável infortúnio! Ai de mim! Nem de dia, nem de noite, conheceria jamais a bênção do descanso! Durante o dia, o animal não me deixava a sós um único momento; e, à noite, despertava de hora em hora, tomado do indescritível terror de sentir o hálito quente da coisa sobre o meu rosto, e o seu enorme peso — encarnação de um pesadelo que não podia afastar de mim — pousado eternamente sobre o meu coração!

Sob a pressão de tais tormentos, sucumbiu o pouco que restava em mim de bom. Pensamentos maus converteram-se em meus únicos companheiros — os mais sombrios e os mais perversos dos pensamentos. Minha rabugice habitual se transformou em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade — e enquanto eu, agora, me entregava cegamente a súbitos, frequentes e irreprimíveis acessos de cólera, minha mulher - pobre dela! - não se queixava nunca convertendo-se na mais paciente e sofredora das vítimas.

Um dia, acompanhou-me, para ajudar-me numa das tarefas domésticas, até o porão do velho edifício em que nossa pobreza nos obrigava a morar. O gato seguiu-nos e, quase fazendo-me rolar escada abaixo, me exasperou a ponto de perder o juízo. Apanhando uma machadinha e esquecendo o terror pueril que até então contivera minha mão, dirigi ao animal um golpe que teria sido mortal, se atingisse o alvo. Mas minha mulher segurou-me o braço, detendo o golpe. Tomado, então, de fúria demoníaca, liberei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem lançar um gemido.

Realizado o terrível assassinio, procurei, movido por súbita resolução, esconder o corpo. Sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos.

Ocorreram-me vários planos. Pensei, por um instante, em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los por meio do fogo. Resolvi, depois, cavar uma fossa no chão da adega. Em seguida, pensei em atirá-lo ao poço do quintal. Mudei de ideia e decidi metê-lo num caixote, como se fosse uma mercadoria, na forma habitual, fazendo com que um carregador o retirasse da casa. Finalmente, tive uma ideia que me pareceu muito mais prática: resolvi emparedá-lo na adega, como faziam os monges da Idade Média com as suas vítimas.

Aquela adega se prestava muito bem para tal propósito. As paredes não haviam sido construídas com muito cuidado e, pouco antes, haviam sido cobertas, em toda a sua extensão, com um reboco que a umidade impedira de endurecer. Ademais, havia uma saliência numa das paredes, produzida por alguma chaminé ou lareira, que fora tapada para que se assemelhasse ao resto da adega. Não duvidei de que poderia facilmente retirar os tijolos naquele lugar, introduzir o corpo e recolocá-los do mesmo modo, sem que nenhum olhar pudesse descobrir nada que despertasse suspeita.

E não me enganei em meus cálculos. Por meio de uma alavanca, desloquei facilmente os tijolos e tendo depositado o corpo, com cuidado, de encontro à parede interior. Segurei-o nessa posição, até poder recolocar, sem grande esforço, os tijolos em seu lugar, tal como estavam anteriormente. Arranjei cimento, cal e areia e, com toda a precaução possível, preparei uma argamassa que não se podia distinguir da anterior, cobrindo com ela, escrupulosamente, a nova parede. Ao terminar, senti-me satisfeito, pois tudo correrá bem

A parede não apresentava o menor sinal de ter sido rebocada. Limpei o chão com o maior cuidado e, lançando o olhar em tomo, disse, de mim para comigo: "Pelo menos aqui, o meu trabalho não foi em vão".

O passo seguinte foi procurar o animal que havia sido a causa de tão grande desgraça, pois resolvera, finalmente, matá-lo. Se, naquele momento, tivesse podido encontrá-lo, não haveria dúvida quanto à sua sorte: mas parece que o esperto animal se alarmara ante a violência de minha cólera, e procurava não aparecer diante de mim enquanto me encontrasse naquele estado de espírito. Impossível descrever ou imaginar o profundo e abençoado alívio que me causava a ausência de tão detestável felino. Não apareceu também durante a noite — e, assim, pela primeira vez, desde sua entrada em casa, consegui dormir tranquila e profundamente. Sim, dormi mesmo com o peso daquele assassinio sobre a minha alma.

Transcorreram o segundo e o terceiro dia — e o meu algoz não apareceu. Pude respirar, novamente, como homem livre. O monstro, aterrorizado fugira para sempre de casa. Não tomaria a vê-lo! Minha felicidade era infinita! A culpa de minha tenebrosa ação pouco me inquietava. Foram feitas algumas investigações, mas respondi prontamente a todas as perguntas. Procedeu-se, também, a uma vistoria em minha casa, mas, naturalmente, nada podia ser descoberto. Eu considerava já como coisa certa a minha felicidade futura.

No quarto dia após o assassinato, uma caravana policial chegou, inesperadamente, a casa, e realizou, de novo, rigorosa investigação. Seguro, no entanto, de que ninguém descobriria jamais o lugar em que eu ocultara o cadáver, não experimentei a menor perturbação. Os policiais pediram-me que os acompanhasse em sua busca. Não deixaram de esquadriñar um canto sequer da casa. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram novamente ao porão. Não me alterei o mínimo que fosse. Meu coração batia calmamente, como o de um inocente. Andei por todo o porão, de ponta a ponta. Com os braços cruzados sobre o peito, caminhava, calmamente, de um lado para outro.

A polícia estava inteiramente satisfeita e preparava-se para sair. O júbilo que me inundava o coração era forte demais para que pudesse contê-lo. Ardia de desejo de dizer uma palavra, uma única palavra, à guisa de triunfo, e também para tomar duplamente evidente a minha inocência.

— Senhores — disse, por fim, quando os policiais já subiam a escada — , é para mim motivo de grande satisfação haver desfeito qualquer suspeita. Desejo a todos os senhores ótima saúde e um pouco mais de cortesia. Diga-se de passagem, senhores, que esta é uma casa muito bem construída... (Quase não sabia o que dizia, em meu desejo de falar com naturalidade.) Poderia, mesmo, dizer que é uma casa excelentemente construída. Estas paredes — os senhores já se vão? — , estas paredes são de grande solidez.

Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronada, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa de meu coração.

Que Deus me guarde e livre das garras de Satanás! Mal o eco das batidas mergulhou no silêncio, uma voz me respondeu do fundo da tumba, primeiro com um choro entrecortado e abafado, como os soluços de uma criança; depois, de repente, com um grito prolongado, estridente, contínuo, completamente anormal e inumano. Um uivo, um grito agudo, metade de horror, metade de triunfo, como somente poderia ter surgido do inferno, da garganta dos condenados, em sua agonia, e dos demônios exultantes com a sua condenação.

Quanto aos meus pensamentos, é loucura falar. Sentindo-me desfalecer, cambaleei até à parede oposta. Durante um instante, o grupo de policiais deteve-se na escada, imobilizado pelo terror.

Decorrido um momento, doze braços vigorosos atacaram a parede, que caiu por terra. O cadáver, já em adiantado estado de decomposição, e coberto de sangue coagulado, apareceu, ereto, aos olhos dos presentes.

Sobre sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante, achava-se pousado o animal odioso, cuja astúcia me levou ao assassinio e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco.

Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba!

Disponível em: www.psb40.org.br/bib/b159.pdf. Acesso em 14 de Jun. de 2016 às 21:34.

Construção do texto

- Que impressões e sensações formam incitadas durante a leitura do texto? Comente a parte que mais te surpreendeu.
- Quem é a personagem principal?
- Que outras personagens participam?
- No início da narrativa, o protagonista possui determinado comportamento e conduta e ao final há uma mudança radical. Faça comparações entre esses dois momentos, usando passagens do texto.
- Que fator ou acontecimento ocasionou essa mudança de comportamento?
- Com a mudança de comportamento, o narrador passou a cometer atrocidades. Uma das vítimas foi o seu gato Pluto. O que o narrador lhe fez? Qual foi a justificativa usada por ele para tal ato?
- A mulher de narrador também é vitimada por ele. A reação dele perante o crime foi semelhante ao cometer a atrocidade com o gato Pluto?
- O consumo de álcool e de outras drogas tem causado muitos problemas no seio familiar. Cite exemplos de problemas domésticos causado pelo alcoolismo.
- O maltrato de animais é um assunto muito sério, muitas vezes eles são expostos a situações de abandono, mutilação e castigos perversos. Em sua opinião, o que deveria acontecer ou ser feito com qualquer pessoa que maltrate animais?

Construção do texto

- Quem narra os fatos relatados em “O gato preto”?
- Esse tipo de narração limita ou amplia o ponto de vista sobre o que está sendo narrado?
- Sobre o causador das tragédias sucedidas no conto, a quem o narrador atribui a culpa?

- No primeiro parágrafo, o narrador dá indícios que os fatos relatados possuem um caráter extraordinário. Transcreva uma passagem que deixou isso explícito no texto.
- Ao observar a forma como o narrador retrata os acontecimentos, você percebe que ele está arrependido, indiferente, satisfeito ou descrente do que fez? Quais motivos levam-no a fazer uma espécie de confissão sobre seus crimes?
- Que elementos ou trechos do texto demonstram o clima de terror e suspense?
- Procure no texto frases e passagens nas quais o narrador procura se aproximar do leitor, estabelecendo uma espécie de diálogo.

As vozes que constituem o texto

Diga aos alunos que em um texto narrativo, o autor pode utilizar três diferentes tipos de discurso: **o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre**. Caso julgue necessário, o autor pode utilizar fazer uso dos três discursos, pois um não exclui o uso do outro e podem ser muito bem empregados no mesmo texto. Vejamos as especificidades de cada:

Discurso Direto	O narrador repete textualmente as palavras ditas pelas personagens. Dessa forma, as características e personalidade da personagem são expostas no texto. Para marcar as falas, usa-se travessão, aspas, dois pontos, bem como o uso de verbos <i>dicend</i> , de dizer ou de elocução.
Discurso indireto	O narrador narra os fatos e reproduz fala, e reações das personagens. Geralmente, escrito em terceira pessoa. Assim, o narrador usa sua voz para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem. Há uma espécie de mistura entre personagem e narrador.
Discurso Indireto Livre	O narrador introduz na sua fala os dizeres das personagens tentando demonstrar o pensamento e a essência própria delas. Sendo assim é uma mistura dos outros dois tipos de discurso e as duas vozes se fundem, embora não haja as marcações típicas do discurso direto, é evidente ainda a dinâmica e força da personagem.

1. Identifique nos trechos abaixo, o tipo de discurso e classifique-os:

I. *Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado. E a Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio.*

(J.K. Rowling)

II. – *Nunca viu boneca?*
– *Boneca? – repetiu Negrinha. – Chama-se Boneca?*
Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.
– *Como é boba! – disseram. – E você como se chama?*
– *Negrinha.*

(Monteiro Lobato)

III. *Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado – e findo o seu inferno – e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.*

(Monteiro Lobato)

IV. *Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita...*

(Machado de Assis)

V. *D. Aurora sacudiu a cabeça e afastou o juízo temerário. Para que estar catando defeitos no próximo? Eram todos irmãos. Irmãos.*

(Graciliano Ramos)

VI. *Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?*

(Monteiro Lobato)

2. Observe a passagem a seguir e reescreva-a, transformando o uso do discurso direto em discurso indireto:

– *Quem é, titia? – perguntou uma das meninas, curiosa.*
– *Quem há de ser? – disse a tia, num suspiro de vítima. – Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.*

3. Agora reescreva o trecho abaixo, usando o discurso direto:

Então, o segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava.

Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

Pontos de vista diferentes

O narrador é um elemento fundamental para a construção da narrativa, pois é ele quem relata o desencadeamento dos fatos, descreve as personagens, os cenários, delimita a passagem do tempo.

Como foi possível perceber com a leitura dos vários contos, e principalmente ao contratá-lo com o último lido, a forma de narrar pode ser diferente. De modo geral, podemos distinguir dois tipos de narrador: **narrador em primeira pessoa** e **narrador em terceira pessoa**.

Vejamos algumas características de cada um:

- **Narrador em primeira pessoa:** os fatos são contados em primeira pessoa (eu) e o narrador participa das ações contadas. Sendo assim o texto é repleto de subjetividades, impressões e opiniões próprias do narrador, seu ponto de vista sobre os fatos é parcial e limitada. Podemos ter a **narrador-protagonista**, ou seja, aquele que é o personagem principal da trama, que gira em torno de si. Temos ainda a **narrador-testemunha**, isto é, faz parte da história da narrativa, mas não é o principal personagem, a subjetividade e apelo emocional tende a ser menor dessa forma.
- **Narrador em terceira pessoa:** os fatos são narrados por uma entidade que não participa das ações, mas conta tudo a partir de uma visão de espectador. O narrador em terceira pessoa pode ser **onisciente** ou **observador**. O primeiro tipo refere-se àquele narrador que sabe de tudo, inclusive o que pensam e sentem os personagens ou até estar em lugares diferentes ao mesmo tempo na narrativa, podendo ainda omitir opiniões sobre os acontecimentos relatados. O narrador observador é aquele que presencia a estória, mas não interfere nela, não omite opiniões, nem sabe de tudo o que acontece e tão pouco o interior das personagens, sua visão sobre os fatos é, de certo modo, parcial.

Exercitando a escrita

Atividade de produção

Na oficina 3, lemos o [conto de J. K. Rowling](#). Note que o narrador está em terceira pessoa. Sua tarefa será reescrever esse conto, de modo que o foco narrativo será modificado, ou seja, você narrará o texto em primeira pessoa, a partir da visão de uma das personagens do conto:

- A morte;
- O irmão mais velho;
- Irmão do meio;
- Irmão mais novo.

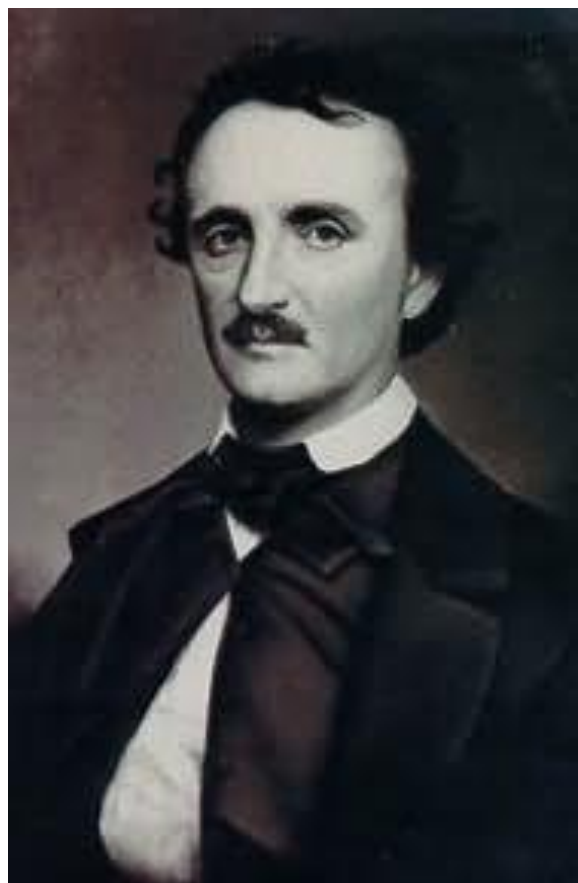
Escolha uma das personagens para ser o narrador. E não se esqueça de utilizar os diferentes tipos de discurso (direto, indireto e indireto livre). Lembre-se que você deve mudar apenas o foco narrativo e não os fatos narrados, ou seja, não mude o enredo do conto.

Conhecendo mais sobre o autor

Edgar Allan Poe (1809-1849)

Nascido em Boston (EUA), foi um escritor, poeta, editor e crítico literário que se destacou pelo uso do tom macabro e misterioso em suas obras. Considerado um dos pioneiros no campo da ficção policial.

*Entre suas obras destacam-se: *The Raven* (O Corvo, poesia, 1845), *Annabel Lee* (poesia, 1849) e o volume *Histórias Extraordinárias* (1837), onde aparecem seus contos mais conhecidos, como "A Queda da Casa dos Usher", "O Gato Preto", "O*



Barris de Amentidade", "Manuscrito encontrado numa Garrafa", entre outros, considerados obras-primas do terror. Mais informações em: www.infocscfa.com/escritores/edgar-allan-poe

Leituras que abrem portas

OBJETIVOS

- Sensibilizar sobre o ato de ler como fonte de fruição estética.
- Conhecer autor e obra de cunho regional.
- Criar condições para estimular a leitura e o hábito de frequentar espaços que a possibilitam.

Material necessário

- Coletânea de contos.

Os contos têm em suas raízes uma forte ligação com a tradição oral, na qual muitos costumes, lendas, mitos e feitos históricos foram perpetuados ao longo das gerações. Passando de boca a boca, muitas histórias, personagens e mistérios foram sendo transmitidas e seus autores são desconhecidos.

Algumas dessas narrativas, na tradição oral brasileira são denominadas de **causos**. Tais narrativas estão repletas de mistério, entidades fantásticas, acontecimentos incomuns, fatos engraçados.

Pergunte aos alunos se seus avós, seus pais ou demais familiares lhe contaram alguma experiência ou história que lhe foi repassada. É possível que haja histórias relacionadas à vida no mato, aos tempos do seringa, aos mistérios da floresta.

Com a sala disposta em forma de semicírculo, procure compartilhar esses relatos, para contextualizar a temática do próximo conto a ser lido. Veja se eles conhecem os elementos míticos e personagens típicas do folclore da região amazônica: Iara, Mapinguari, Boto, Curupira e principalmente a Rasga-Mortalha.

Questione sobre as crenças em torno dessa figura e o que se pode esperar de um conto no qual o título leva seu nome. Após esse início de conversa faça uma leitura em voz alta de forma compartilhada, tecendo comentários e questionamentos sempre que necessário ou quando surgirem as dúvidas.

Quando alcançou a subida da terra, onde as árvores espaçavam como uma clareira. Amaro respirou aliviado. Dali para a barraca, só mais uma hora. A caminhada tinha sido longa até ali e já se fazia notinha. Tirou a estopa da costa, pesando de longe. Um pedaço de rapadura, um gole d'água. Refez as energias. Mais um pouco estava em casa. Pensa na mulher e nos filhos, sozinho há dois dias. Melhor apressar-se. E agora que já está perto, aquela vontade de chegar crescendo mais, aquela vontade de aninhar no colo de Mariinha, fumando um cigarro, fazendo planos. A gente se enterra nessas brenhas, levando a vida de bicho. Mariinha tem razão. Mais cedo ou mais tarde vamos levantar o pandeiro. O menino vai ter que estudar.

Arruma a carga novamente às costas. Carne de caça, salgada. Teve que ir muito longe dessa vez. As caças rareando. Lá mesmo onde o veado caiu, tirou o couro, retalhou e salgou. Carne para uns quinze dias. Mariinha ia gostar. O pequeno, também. Numa moradia abandonada, deu com uns pés de abiu vergando os galhos de carregados. O menino ia comer abiu até pregar os beijos.

Nesses pensamentos, caminha, olhos no chão, no chap chap da sandália no chouto do passo no chão da trilha.

Súbito com uma assombração, uma rasga-mortalha risca o espaço, em um voo rasante, num canto agourento, num risco, num riso, tesoura sinistra, cortando, raspando, rasgando. Amaro estremece, como se estremecessem as folhas, os galhos, as árvores, o mundo. Arrepia-se Cruz Credo. Ave agourenta, de mau presságio, anunciando a morte em pessoa da família. Benzendo-se, Amaro, pensa em casa, dessa vez com preocupação. Pensa nos filhos. O mais novo, biqueiro, amarelo. Via-lhe as perninhas finas correndo atrás dos pintos no terreiro, na brincadeira com as garrafas de pinga vazias, numa boiada nascida na sua imaginação infantil. Pensou na mulher. Não, meu Deus. A quem se destina aquele agouro? Os pais já mortos, há tantos anos, descansando em terras distantes. Os irmãos, perdidos no mundo. Ou melhor, ele perdido dos irmãos, enfiado nessas brenhas. Já eram estranhos, talvez mortos também. Ninguém mais. A quem se destina tal agouro?

A mulher, os filhos. A angústia roendo-lhe a resistência. Deus é grande. Há de protegê-los. Apressa o passo. Os olhos já habituados à escuridão. O temor do mau presságio crescendo. Era corajoso. Sabia dominar o medo, vencê-lo, esmagá-lo, até rir dele. Mas o temor não sabia dominar. Este estava a além de sua coragem de sua força, de todos os seus receios. O temor do que não entendia, do que não tinha como lutar.

Apressa o passo. A alegria da volta, de chegar em casa, toma o rumo dos ventos. Era de temperamento seco, mas a rudeza da vida não lhe endurecera o coração. Amava a mulher. Amava o filho. Eram a sua vida.

Apressa o passo. O terçado na mão abrindo o caminho. A escuridão despencando das árvores fechando seu peito, toldando-lhe a mente. O canto agourento da rasga-mortalha lhe martelando o ouvido. A desgraça procurando rumo. Procurando pouso.

Aperta o passo. A pressa levando-o ao descuido, não olha por onde pisa. Tropeça nas raízes, escorrega na lama...Num pisar em falso, perde o equilíbrio e resvala. Cai no grotão. Tão rápido quanto o silvo venenoso, a picada incisiva da cobra atinge-lhe a perna. Num instinto, em vão tenta levantar-se, decepar com uma terçadada a cabeça triangular da serpente. Nada mais pode fazer. A vista some. O veneno circulando em suas veias, adormeceu-lhe as mãos, os braços, o corpo todo. Grita aterrado. Quem o ouviria? Não viu mais nada. Nem o grito agourento da rasga-mortalha.

Após a leitura, deixe claro que nessa aula não haverá atividades para responder questionários, produzir texto ou tarefas parecidas. Ao invés disso instigue-os a falar sobre suas impressões e sensações a respeito do texto.

Fale sobre a importância da leitura para a formação cidadã e para os prosseguimentos dos estudos, e principalmente, da função estética da leitura do texto literário. Tente enumerar junto com os alunos as aprendizagens adquiridas por meio dos textos que foram lidos até o momento, lembrando que essas aprendizagens não se restringem apenas aos conteúdos relacionados ao gênero, ou ao uso da linguagem. Enfatize, prioritariamente, os valores, as reflexões sobre a vida, a possibilidade de experimentar vivências de outros ou ainda de sentir as angústias e dúvidas que constituem o ser humano.

Aproveite o tom da conversa e leve-os até a biblioteca da escola, ou se for possível à biblioteca da cidade para que possam escolher os autores e textos que atendam a suas necessidades e interesses. Você pode também fazer indicações de *sites* eletrônicos que hospedem contos literários.

<https://entrecontos.com/>

<http://acervo.novaescola.org.br/leitura-literaria/era-uma-vez-contos.shtml>

<http://homoliteratus.com/links-100-melhores-contos-da-literatura-universal/>

Conhecendo mais sobre o autor

Robélia Fernandes de Souza (1938)

Escritora conhecida como "Acreana de Manaus". Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Acre. Por muito tempo atuou como professora de Língua Portuguesa e Literatura. Ocupa a cadeira 35 da Academia Acreana de Letras.



O quebra-cabeça narrativo

OBJETIVOS

- Conhecer os elementos estruturais da narrativa.
- Analisar os contos lidos.
- Identificar os aspectos que compõem o enredo do conto.

Material necessário

- Coletânea de contos.
- Quadro branco ou projetor multimídia.

O que os contos têm em comum

Para narrar uma história, geralmente, são necessários os seguintes elementos:

Narrador: é aquele que relata os fatos, descreve os espaços, os comportamentos e as aparências das personagens. Ele pode ser: uma personagem da narrativa; alguém que só observa e retrata os fatos; ou ainda, um ser que além de narrar o que se passa, emite opiniões, sabe dos pensamentos das personagens e se intromete na história.

Espaço: é o lugar onde se desenrolam as ações. Algumas vezes esse espaço pode ser indefinido ou indeterminado.

Personagens: são os seres que executam as ações e interagem entre si no plano da narrativa. Podem possuir nomes ou não. Suas falas podem aparecer diretamente (marcadas por sinais de pontuação e verbos de dizer) ou indiretamente no discurso do narrador. A caracterização física e comportamental é importante para dar maior vivacidade ao texto. Há vários tipos de personagens: protagonista, antagonista, secundárias.

Tempo: é a marcação temporal do desenvolvimento da história, que pode ser determinado por horas, dias, ano, períodos do dia.

Enredo: é o desencadeamento das ações da narrativa para o desenvolvimento da trama. Os momentos da narrativa podem ser organizados da seguinte maneira:

- **Situação inicial:** início da trama, momento de apresentação das personagens, do tempo, do espaço em uma situação de equilíbrio.
- **Conflito:** desequilíbrio ou surgimento de um problema causado por algum evento que perturba as personagens.
- **Desenlace ou desenvolvimento:** ações que buscam resolver a situação de desequilíbrio e resolver o problema.
- **Clímax:** ponto de maior tensão na narrativa.

- **Desfecho:** final da história e resolução do conflito.

Para sistematização e fixação dos conceitos proponha as atividades a seguir:

1. Identifique no conto “Rasga-mortalha”, de Robélia Fernandes os parágrafos que correspondem a cada um dos momentos do enredo. Complete no quadro abaixo, indicando o parágrafo que inicia e termina cada um deles.

	Situação Inicial	Conflito	Desenlace	Clímax	Desfecho
Parágrafos					

2. No quadro a seguir você irá sistematizar os elementos sobre os contos que você leu até agora:

Conto/autor	Espaço(s)	Personagens	Marcação do tempo	Tipo de narrador	Temas, assuntos
O conto dos três irmãos – J.K. Rowling					
Negrinha – Monteiro Lobato					
A cartomante - Machado de Assis					
O gato preto – Edgar Allan Poe					
Rasga-mortalha – Robélia Fernandes					

#TamoJunto

OBJETIVO

- Produzir coletivamente um conto usando o *Google* Documentos

10ª

OFICINA

Material necessário

- Celular, *tablet* ou computador;
- *Datashow*.

A produção coletiva é um momento bastante desafiador, pois se não for adequadamente organizada poderá resultar em confusão, dispersão e pouca interação entre os participantes. É clara a heterogeneidade da sala: alunos mais experientes, pouco experientes, mais ativos, menos participativos, por isso a orientação e supervisão do professor é primordial nesse momento.

Relembre com os discentes o que foi aprendido nas oficinas. Você pode fazer um cartaz ou anotar no quadro os elementos que compõem o gênero conto. Retome também os usos dos recursos de linguagem típicos dos textos literários.

A proposta de produção textual será em forma de “retextualização” do curta-metragem “Vida Maria” para um conto.

Exiba o vídeo e em seguida lance questionamentos sobre o cenário retratado, as personagens, o enredo, a passagem do tempo, a temática tratada. A discussão ajudará a esclarecer alguns pontos importantes na hora de produzir o texto. O compartilhamento dessas informações é necessário

para que todos os alunos alinhem seus pensamentos e procurem construir coletivamente a trama da narrativa.

Antes de iniciar a escrita, elabore um esquema ou um quadro junto com os alunos, para explicitar qual será o foco narrativo mais adequado para a estória a ser contada, quais as personagens, o cenário e o enredo da

Vida Maria. Direção Márcio Ramos. BRA, 2006.

Animação gráfica em 3D de Márcio Ramos que retrata a vida de Maria José em sua labuta diária no sertão nordestino, a formação e expansão de sua família e seu envelhecimento. O diretor do curta, nascido em 1971, em Cachoeira do sul (RS) recebeu por esse filme mais de cinquenta prêmios.

Assista ao vídeo em:
<https://www.youtube.com/watch?v=k-A-g-BfGrl>

narrativa. Explique também que a produção será feita no ambiente virtual *Google Docs*.

Divida a sala em grupos de três ou quatro pessoas. Cada um deles ficará responsável por redigir um parágrafo do conto, sendo que um dará continuidade ao que foi escrito pelo grupo anterior.

O parágrafo inicial pode ser feito por você ou juntamente com eles, de modo que seja reforçada a ideia de que essa parte do texto é a responsável por fazer uma apresentação do tempo, do espaço, das personagens.

Durante o processo de escrita faça as intervenções e questionamentos necessários para resolver problemas e sanar dúvidas que possam surgir no percurso. Escreva comentários usando as ferramentas *online*. Projete no *Datashow* a realização do trabalho e acompanhe as edições feitas por cada grupo. Verifique também a participação individual dos alunos.

Como se trata de uma aplicação em suporte digital, caso o tempo de aula na aula se esgote, combine com os alunos um horário para a realização da tarefa em casa.

Quando o texto tiver sido concluído, projete-o no *Datashow* e leia junto com os alunos. Faça questionamentos para que eles percebam e pensem acerca da necessidade de ajustes e correções no texto. Pergunte se o título do texto é sugestivo e atrativo; se os fatos estão coerentes e obedecem a uma lógica interna; se as personagens foram caracterizadas adequadamente e suas falas devidamente marcadas. Ajude também a reconstruir frases que necessitem de um tratamento laborioso da língua, reforce a importância da linguagem figurativa.

Mãos a obra

OBJETIVO

- Produzir, em duplas, um conto usando o *Google* Documentos.

Material necessário

- Celular, tablet ou computador;
- Coletânea de contos.

Durante as oficinas anteriores, os alunos já tiveram contato com inúmeros exemplares de contos, de diferentes autores, de épocas diferentes, com estilos de escrever distintos. Várias temáticas foram tratadas: magia, escravidão, adultério, alcoolismo, mistérios, crenças e tradições populares. Reforce para os alunos o tema que deverá ser adotado nos textos: “Meu espaço, meu território, minha vida”. Desse modo, estimule os alunos a pensarem sobre fatos, detalhes, casos e particularidades sobre esse lugar em que estão inseridos. Eles podem falar sobre um fato curioso de seu bairro, ou recontar as histórias do seringal narradas por seus avós, relatar algum problema social que sua comunidade sofre, as possibilidades são múltiplas. Delimitar o tema é extremamente importante para o processo de produção textual.

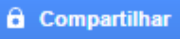
Planejando o texto

O primeiro passo para a produção do texto é pensar um pouco sobre as condições de produção do texto, ou seja, quem irá ler o texto, onde será publicado e quais os propósitos comunicativos pretende-se alcançar com o texto (emocionar, fazer rir, estimular reflexão). Após essa problematização lance mais algumas perguntas que os orientarão na construção do texto:

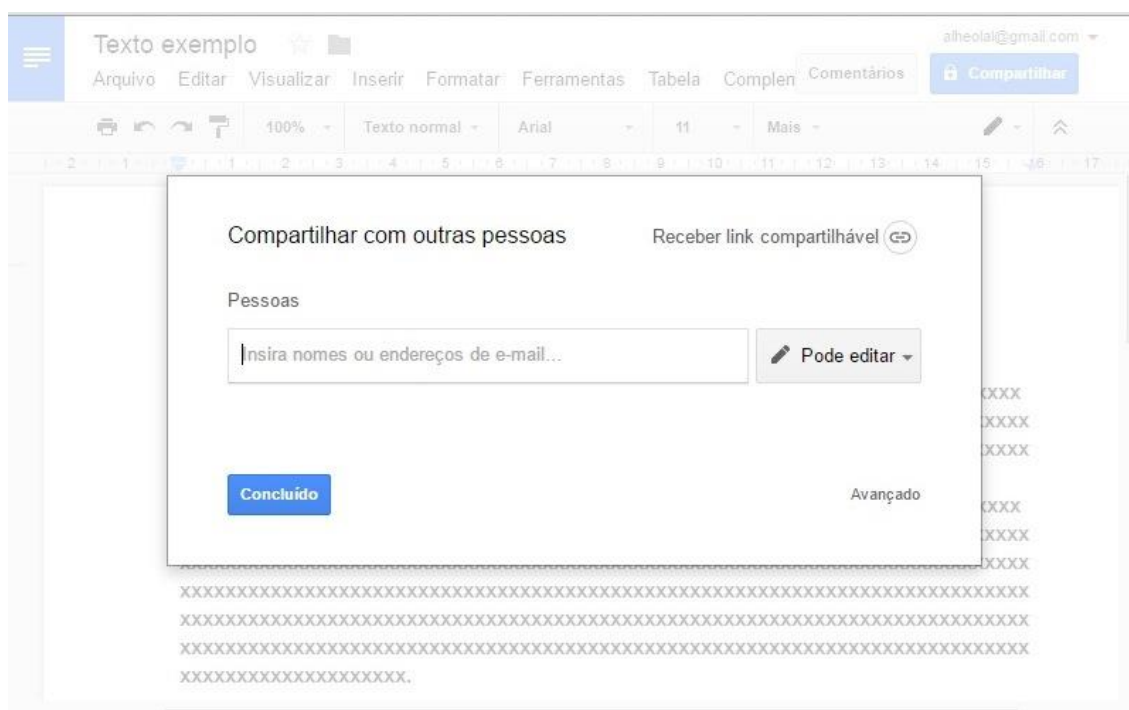
- Qual tipo de narrador utilizar? Personagem ou observador?
- Em que cenário se passará a história?
- Os fatos serão narrados de forma linear ou a partir de *flashbacks*?
- Quem serão as personagens? Como serão descritas fisicamente?
- Qual será o conflito do enredo?
- Haverá um elemento surpresa no desfecho?

Caso surjam dúvidas, os discentes poderão consultar os textos estudados, na coletânea de textos. A releitura desses contos os ajudará a pensar sobre as características e as formas de manifestação linguísticas próprias desse gênero.


Escrevendo no *Google Documentos*

Ensine aos alunos a adicionar coautores para fazer a atividade em duplas. Para adicionar outras pessoas ao documento é possível acessar este recurso a partir do Menu **Arquivo > Compartilhar** ou por meio do ícone  localizado no canto superior direito da tela.

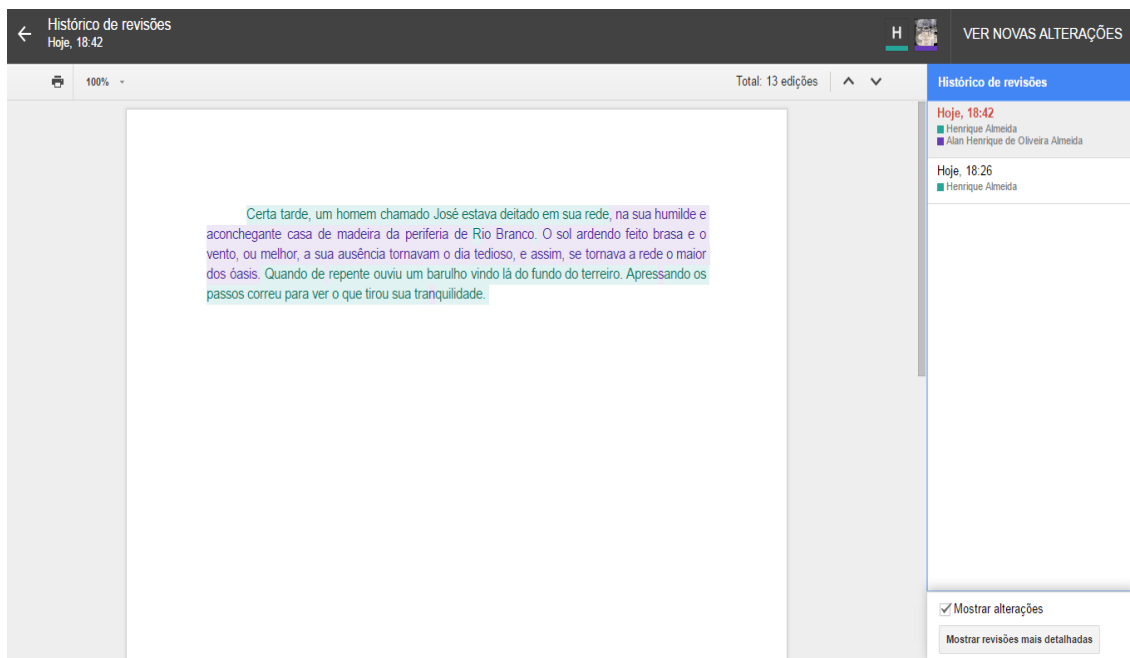
Depois disso será requisitada a inserção dos *e-mails* dos autores, assim os endereços eletrônicos do colega e do professor deverão ser acrescentados. Em seguida, um link será enviado para o e-mail inserido. Este link redirecionará a página para a área de trabalho de edição do *Google Docs*. Para que as pessoas adicionadas possam fazer alterações no texto é preciso escolher a opção **Pode editar**, uma vez que há outras opções como: **Pode comentar** e **Pode visualizar**.





Para adicionar autores no aplicativo do sistema *Android* deve-se clicar no botão  localizado no canto superior direito da tela e em seguida a tela para adicionar os e-mails surgirá.

Acompanhe o progresso, o desempenho e envolvimento de seus alunos na atividade, a partir das ferramentas disponíveis no aplicativo, por meio do Menu **Arquivo > Ver histórico de revisão** ou pelo atalho do teclado **Ctrl+Alt+Shift+H**, desse modo é possível observar cada edição realizada pelos autores, incluindo os detalhes da data e hora da edição. Como é possível verificar na imagem abaixo, cada autor e suas modificações no texto é destacada com uma cor diferente, especificada em uma legenda que identifica cada autor. Essa ferramenta não está disponível no sistema *Android*.



Se julgar necessário escreva comentários e sugestões nos textos dos alunos. Faça questionamentos, dê dicas para facilitar o processo de escrita.

Para que os alunos fiquem cientes do que será exigido na produção textual, apresente a eles o quadro que indica os critérios. Isso pode auxiliá-los, a saber, sobre o que poderá ser explorado para escrever o conto.

CRITÉRIOS PARA PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DO CONTO	
Adequação à proposta e ao gênero	1. O texto se refere ao tema solicitado, ou seja, se reporta as particularidades e eventos típicos do lugar em que o autor está inserido?
	2. O autor assume uma posição na qual os fatos relatados prendem a atenção do leitor, envolvendo-o e surpreendendo com a forma que os acontecimentos são relatados?
	3. A linguagem adotada serve-se dos recursos literários, figuras de linguagem e exploração dos sentidos das palavras de forma artística?
	4. As ideias e conteúdos contribuem para construir o tipo de conto escolhido? (de terror, de fantasia, de crítica social, de causos populares)
Construção da coesão/coerência do texto (textualidade)	5. Há coerência e organização lógica no decorrer dos fatos? Os momentos do enredo (situação inicial, conflito, desenlace, clímax e desfecho) estão presentes e bem delimitados no texto?
	6. Os marcadores temporais e localizadores espaciais contextualizam os espaços e demarcam a passagem do tempo adequadamente?
	7. Utilizou adequadamente a pontuação e os verbos de dizer para marcar as falas das personagens? As ações das personagens estão de acordo com as suas características apresentadas?
	8. O título é sugestivo e chama a atenção do leitor? As ideias e modo que são escritas procuram seduzir, fazer refletir e estabelecer aproximação com o leitor?
Uso das regras e convenções da gramática normativa	9. O texto está correto em relação às regras de concordância entre as palavras? O texto está correto em relação à ortografia e demais convenções de escrita?
	10. Os desvios das convenções de escrita e da norma padrão são propositais e ajudam a construir sentidos em função do texto?

Ajustes finais

OBJETIVO

- Realizar a releitura, revisão e reescrita do texto.

Material necessário

- Celular, *tablet* ou computador;
- Coletânea de contos.

Reforce para os aprendizes de escritores que o processo de reescrita do texto é fundamental, visto que este não pode ser vista apenas como um momento de apontar os erros e fracassos, mas que é, prioritariamente, uma forma de aprimorar o texto, ajustando o que não ficou bom ou de difícil entendimento.

Procure sanar as dúvidas mais frequentes em relação à ortografia como as palavras que há confusão com o uso de “s” “ss”, “ç”. Ou palavras que se escrevem junto ou separado, por isso, embora, porque, a partir. Palavras em que as realizações fonéticas são diferentes da grafia. Mas/Mais, Muito/muinto. Ajude também com as dúvidas de pontuação, dando ênfase ao ponto final e vírgula. Ressalte também a importância do uso de sinônimos para evitar a repetição de palavras. Incentive-os a fazer pesquisas para aprofundar os conhecimentos sobre o tema escolhido, utilizar dicionários e gramáticas para sanar dúvidas, enfim desperte neles a autonomia para construir novos conhecimentos e buscar as informações que necessitam.

Compartilhando os textos

Uma estratégia para revisar os textos é a troca de textos entre os alunos, assim eles poderão trocar experiências e se posicionar criticamente em relação ao texto do outro. Isso é importante para dar visibilidade ao fato de que o texto deve atingir um grupo heterogêneo de leitores.

Para compartilhar os textos, peça que os discentes acrescentem no documento o e-mail dos colegas de outra dupla, ao fazer este procedimento escolha a opção **Pode comentar** que surge na tela em que se acrescentam os coautores.

Peça que os alunos façam suas intervenções a partir de comentários (conforme aprendido na [oficina 6](#)). Os comentários podem vir em forma de perguntas e/ou sugestões: a grafia dessa palavra está correta? A frase não está muito longa e a ideia confusa? Aqui caberia uma metáfora, não? Reveja o uso dessa palavra, pois ela não se adequa ao contexto.

Você pode ainda, esquematizar coletivamente um roteiro de revisão (procurando resumir os critérios de avaliação do quadro) que servirá para nortear as observações realizadas pelos alunos. As seguintes perguntas podem compor esse roteiro:

- O título chama a atenção do leitor?
- O texto está de acordo com o tema proposto?
- O conto alcança o propósito comunicativo almejado: emocionar, fazer rir, despertar reflexão, envolver o leitor?
- O foco narrativo se mantém o mesmo em todo o texto?
- A história tem início, meio e fim organizados de forma lógica e sem incompletudes?
- As palavras estão escritas corretamente? Existem frases incompletas, ideias soltas? A pontuação está adequada?
- As marcas de tempo e lugar são perceptíveis?
- As figuras de linguagem e de outros recursos da linguagem literária estão presentes no texto e são relacionadas com o objetivo do texto?
- O desfecho do texto é capaz de impactar o leitor?

Depois da troca de textos entre as duplas, solicite que os alunos releiam seus textos observem as sugestões e comentários feitos pelos colegas e aperfeiçoem seus contos. Esclareça que esse movimento “ping-pong” no texto é primordial no processo de escrita, pois escrever deve ser sinônimo de reescrever.

Publicação dos textos

Para finalizar esse longo ciclo de aprendizagem nada melhor que a exposição e veiculação dos textos produzidos. Existem inúmeras formas de fazê-lo. Você pode organizar um livreto para ficar disponível na escola. Ou ainda criar um *blog* ou uma página em redes sociais para divulgar esses textos na *web*. Existem ainda sites que aceitam publicar textos como o <http://www.recantodasletras.com.br> ou o <http://www.gargantadaserpente.com>. Outra sugestão é realizar um evento de divulgação e lançamento da coletânea dessas obras, um sarau, um coquetel literário.

O importante é que você reconheça o esforço dos alunos e os façam perceber que os textos foram feitos para ganhar o mundo, alcançar

outros leitores e não apenas é um instrumento para avaliá-los e atribuir-lhes uma nota pelo trabalho. A escrita faz parte de um processo contínuo que só ganha sentido com a contribuição e participação do outro.

REFERÊNCIAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Caderno; de orientação curricular:** Orientações curriculares para o Ensino Fundamental – caderno 1, Rio Branco, AC.: SEE, 2009.

ANTUNES, I. **Aula de português:** encontros & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, N. M. S. Objetos de aprendizagem de língua portuguesa. In: ARAÚJO, J.; LIMA, S. C.; DIEB, M. **Língua; na Web:** links entre ensino e aprendizagem. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010, p.155-176.

ASSIS, Machado de. **50 contos; de Machado de Assis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo. Editora: WMF Martins Fontes, 2011.

BARTHES, R. **Aula.** Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRASIL. **Parâmetros; curriculares; nacionais;** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In:_____. **Vários; escritos.** Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre azul/Duas cidades, 2004. p. 169-191.

CHARTIER, R. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos; avançados,** São Paulo. v.8, n. 21. p.185-199, 1994.

COSSON, R. **Letramento literário;** teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, J.; GAGNON, R. e DECÂNIO, F. **Produção escrita e dificuldades; de aprendizagem.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

DOLZ, J. NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros; orais e escritos; na escola.** 3.ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p.81-108.

GOMES, L.F. **Hipertexto no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez Editora, 2011

INEP/BRASIL. **Média dos países; em cada área.** Disponível em http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/resultados_pisa_2000_2012.pdf. Acesso em 27 de set. de 2016 às 19:14.

LEITE, L. C. de M. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, J. W. et al. **O texto na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2006, p.17-24.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LOBATO, M. **Negrinha**. Disponível em: <http://www.bancodeescola.com/negrinha.htm>. Acesso em 20 de maio de 2016 às 17:34.

MACEDO, L. N. et al. Desenvolvendo o pensamento proporcional com o uso de um objeto de aprendizagem. In: PRATA, L.; NASCIMENTO, A. C. de A. **Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico**. Brasília: MEC; SEED, 2007.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: **Linguagem & Ensino**, V. 4, N. 1, 2001, p.79-111.

MENDONÇA, M. Análise linguística e produção de textos: reflexão em busca de autoria. **Revista Na Ponta do Lápis**. ano XII, n. 27, jul. 2016.

RAPAPORT, R. **Comunicação e tecnologia no ensino de línguas**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

ROWLING, J. K. **O; Contos de Beedle, o Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

POE, E. A. **O gato preto**. Disponível em: www.psb40.org.br/bib/b159.pdf. Acesso em 14 de Jun. de 2016 às 21:34.

SOARES, A. **Gêneros literários**. 7.ed. São Paulo: Princípios, 2007.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema e três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Robélia Fernandes de. **Conversa afiada: contos de ficção**. Rio Branco: Bobgraf/Preview, 1996.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. Trad. José Cipolla Neto. Luís Silveira Menna Barreto. Solange Castro Afeche. 6ªed. São Paulo. Editora: Martins Fontes, 1998.